

AUTORES & LIVROS

Ano 10
1/1/1944

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário Leão (Da Academia Brasileira de Letras)



O discurso do Sr. Getúlio Vargas

Senhores:

Antes de tomar posse da cadeira que me destinastes, desejo fazer algumas considerações de caráter pessoal. Não me sinto em modo estranho. Até em grande honra de ochar-me entre os mais elevados expoentes da cultura brasileira, experimentei a saudade de aqui encontrar amigos companheiros de juntas públicas e amizades que muito prezo.

Prezando nossas trabalhosas o Unibrazil, José Carlos de Macedo Soárez, que fui meu editor e dedicando ministério de Estado, personalidade por todos querida e admirada, também sou devo ao antecessor no tempo da minha eleição acadêmica, o velho Leônidas, que empregou seu governo, em muitas oportunidades, as suas da sua entidade jurídica, por último, o ministro Alainfo de Paiva, que não é de suas origens, é um homem e homem de extensa personalidade social, de grande, em sua hora, para receber-me, considero, a sua a encantadora e capaz de marcar de profunda impressão a Casa dos poetas, roteiros e publicações que sempre apreço e por seu lado, entre amizades mais sinceras admoestava meus amigos intelectuais.

Não posso, naturalmente, deixar de lembrar seus nomes dos maiores, de sua companhia, e a que eu fiz questão por lágiado de me associar e compreender intelectual: Gregorio de Faria, meu colaborador de imediato confiança, grande coração e grande caráter; Humberto de Campos, cujos últimos dias de vida acompanhei com emocional arinho; Alberto de Oliveira, o magnífico poeta, gênio homônimo das letras, com quem me entrei em inesquecíveis momentos de contacto espiritual.

Ora e quero agradecer, aquela generosa empenho que puxou-

tes em trazer-me ao vosso convívio permanente, confraternizando honra, por certo superior aos meus méritos de inteligência e cultura.

Senhor Presidente: Senhores Acadêmicos.

A felicidade intelectual é para mim uma imponção da vida política, que exige de quem a ela se consagra a abnegação de comunicar-se com o público compreendendo e clareando, explicando ideias e práticas do governo, enfatizando-se por fazer-se ouvir e compreender.

Não sou e nunca pretendi ser um escritor de ação, um cultor das belas letras, embora tenha me habilitado desde moço, a amar a constância dos poetas e romancistas como leitor e admirador comodoro das suas obras. Por que não hei de reconhecer também, numa confissão escutável nestas circunstâncias, a atração que sempre exerceram sobre mim os horizontes de pensamento, as inteligências cultas e desinteressadas, os espíritos de alto nível moral, possuidores do domínio dom de transmitir as suas sensações às compreensões culturais, os amigos piedosos, os ardentíssimos da pátria e de Deus?

Mesmo todo isso de que fui festejado e de definir os méritos de um escritor, de legitimar pretensões à pertença dos leitores e das glórias que tem direito os principais de poesia e os magistráveis exploradores das reinos da ficção.

A "Casa de Machado de Assis", pacata e reservada, nas manhãs reflexivas, nos homens voltados a criação artística e ao estudo de interessados dos problemas culturais. Não a considerava gênero apropriado ao rude amanhecer dos agricultores, mas terreno escabido e traçado, onde os jardineiros operavam milagres de beleza e colorido.

Nascida sob a invocação da

Academia Francesa, por ela modelada, teria certamente o destino de servir de refúgio e assegurar repouso aos espíritos serenos, que olham a vida em termos de categoria filosófica e usam as lentes da perspectiva histórica para observar com imparcial frieza os acontecimentos da atualidade.

Sem dúvida, as circunstâncias da vossa fundação delatavam o divisorio então existente entre a pura análise espiritual, a reflexão e o estudo da realidade através das artes e as atividades chamadas práticas.

Naquele remanso do fim do século, passadas e esquecidas as agitações que anteciparam o advento da República, políticos e administradores caminhavam de um lado e intelectuais do outro, ocupando margens opostas no torrente da vida social.

Por uma deformação lógica sentiam-se quase incompatíveis. As alterações da semântica reatavam, melhor do que ampliavam, essa situação de fato. Pouco era, no tempo, sonhino popular de latentes, pessoas avante, habitando um mundo de fundações e imagens: literato tendencial, num peripécia brando, o teatro, por fora do sol, cabisbaixo nas uveras, alheio às realidades cotidianas e consciente de poder agarrá-las aos círculos ampliados da construção dialética.

Em ambiente assim era inevitável, as energias sociais dispersarem-se estérilmente e o desdém do "espírito" pela "materia" tornava formas quase extravagantes. Para o homem de letras, as palavras político, industrial, administrador, tinham igualmente um sentido alterado: significavam estradeiros de vidas, incapacidade imaginativa, grosso trato com as causas belas da vida e os seus valores supremos. Para ser um exemplar dessa fauna tornava-se necessário

ignorar as rosas, os poetas, os cípripes, num sentido útil, para maior bem da coletividade.

O papel das Academias não é, na atualidade, o que Chateaubriand atribui à Academia Francesa: "Fazer um grande discurso e fiscalizar a língua". É mais importante, mais amplo e profundo.

Não corresponde, evidentemente, a uma Instituição acadêmica vangloriar os movimentos revolucionários em arte e cultura. Também não lhe corresponde atuar do lado extremo, permanecendo fechada num conservadorismo católico e reacionário. Cabe-lhe, no cumprimento das altitudes gerais, uma função alta, coordenadora de tendências, ideias e valores, capaz de elevar a vida intelectual do país a um plano superior, transmitindo-lhe direção construtiva, força e equilíbrio criador.

Foi com essa visão global das responsabilidades acadêmicas que aceitei um lugar na vossa ilustre companhia, honrado com a escolha que considero honesta, excepcional e digna a trabalhar conciso pela ultimização da nossa cultura. Interessando-a na solução dos grandes problemas da Nacionaldade.

Eleito para a cadeira 37, venho sentar-me entre vós, sob o patronato de Tomás Antônio Gonzaga, na sucessão de Silva Ramas e Alcântara Machado. Não me poderia sentir melhor

Explicação deste Suplemento

O número de "Autores e Livros" que hoje oferecemos ao leitor tem um caráter especial e o diferenciado das habituals séries desta publicação. Em vez de dedicarmos a um de interesse maior, como habitualmente fazemos, resolvemos dedicá-lo à Academia Brasileira de Letras, que realizou no seu último dia de sessões, por morte do presidente da Academia, o sr. Getúlio Vargas, o seu encarregado de assuntos literários, o sr. Alcântara Machado.

Assim, primeiramente, os que premeiram a recepção do sr. Vargas na casa de Machado de Assis. Essa recepção realizou-se em 29 de junho, representando um momento de particular e de glória, para a Academia.

O sr. Getúlio Vargas, o encarregado chefe de Esposende, que não é carregador de acadêmica nenhuma casa. Na Academia, o primeiro magistrado Mário Leão (na cadeira n.º 37, que é o seu patrono) Tomás Antônio Gonzaga. Essa cadeira é

nela sentiu-se, por morte do poeta e dramaturgo pernambucano, o admirável escritor que foi Alcântara Machado. Em sua oração, o sr. Getúlio Vargas trouxe os perfis dos três escritores que ilustram o oratório, detendo-se na análise de seu antecessor. Vai publicado aqui o seu discurso, e vai imediatamente o discurso com que saudou essa nova porta da literatura, em nome da Academia Brasileira, o sr. Alainfo de Paiva.

Também vai publicado neste suplemento o discurso de Menotti del Picchia, pronunciado ante a culpeira em 28. Também do mês passado, ao se empregar na radiotele n.º 28, que tem como patrono Manuel Antônio de Almeida. Essa culpeira foi criada por Inácio de Sá, e nela sentiu-se, por morte ao romancista de "O Cacauísta" Xavier Marques. Menotti del Picchia estudou o autor de "Já e Jaci" num discurso cheio

de simpatia e de compreensão. Saúdi o novo imortal Cassiano Ricardo. Também incluímos em nossas páginas esse discurso do autor de "Martim Cerejeira".

Enfim, incluímos neste número de "Autores e Livros" os discursos referentes à diretoria de 1943 e à de 1944. Daquela, o discurso de despedida do sr. Júlio Carlos de Macedo Soárez, presidente que deixava o mandato, e hem assim o "Retrato Literário", pronunciado pelo secretário geral Mário Leão.

Val este número de "Autores e Livros", pois diferente das demais numeros que até hoje temos publicado.

No próximo domingo retomaremos o nosso ritmo habitual, iniciando a publicação da série dos historiadores, a qual apresentaria em seus primeiros números os nomes de Varnhagen, João Francisco Lisboa, Capistrano de Abreu e Rio Branco.

SUMÁRIO

PÁGINAS 1, 2 e 3:

— Discurso do sr. Getúlio Vargas.

— Explicação deste Suplemento

PÁGINAS 4, 5 e 6:

— O discurso do sr. Alainfo de Paiva.

PÁGINAS 8, 9 e 10:

— O discurso de Menotti del Picchia.

PÁGINAS 11, 12, 13 e 14:

— Discurso de Cassiano Ricardo.

PÁGINAS 15 e 16:

— Discurso na Academia, de Macedo Soárez.

PÁGINAS 17, 18 e 19:

— Retrato Literário, de Mário Leão.

PÁGINA 20:

— Discurso da Poeta, de Mário Leão.

em qualquer outo. O poeta da Inconfidência Mineira alcançou essa consolidação mais pelo seu destino político que pelo expressão da sua arte poética, aliás formosa.

Numerosas foram os homens que, pela época interpretaram em verso os anseios sentimentois, os desídos avassaladores, os ciúmes do destino e das possibilidades. O que singularizou a figura da grande desembargadora do século XVII não foi certamente a literatura literária, a inspiração de grandes idéias ou a erudição linguística, como aconteceu com Dante e Cimões. A sua litera é similar à de todos os poetas do tempo. Reflete identicas influências, repassa consubstâncias modismos, veste-se com as mesmas guias retóricas. Versejá parecia, então, sexto generalizado, diverso preferido das classes cultas. Se desde os clássicos da língua se admitia que "não fazem dano as musas aos doutores", contaram com abstração antecipada os governantes poetas, os liricos magistrados.

Essa produção literaria oferecia, entretanto, pouca ou nenhuma originalidade. Seguiu invariavelmente regras aprendidas a modo de ofício manual e a temática restrita dos modelos. Tomaz Antônio Gonzaga, que é o nosso exemplo, vivendo em Vila Rica, cidade colonial das Minas Gerais — cheia de preços de mineração, de brios de parimpérios, de lucros de contrabando — não nos apresenta, suas composições, um rosto querer da vida ambiente. A manha referência ao meio é esquecida. As suas poesias não se embrenham no chão estonteante da terra moça. As pasturas, os capins, os pepeiros, que inveja e canta, não passam de simples expressões de um diccionário ignorado na colônia do ouro e das pedras, consumida pela febre das riquezas e do luxo que a Inglaterra e a Flandres produziam e Portugal importava e pagava em larguras de perdulário.

Não fui, por consequência, entre a literatura de amores infantis, tão comum em tantos autores da época, o que elevou a herói o patrono desta Caixa. A projeção excepcional da personalidade do cantor de Marília resultou da sua ação política da sua participação num acontecimento que vislumbrou emancipar a grande terra brasileira, ausente na obra do poeta e presente na existência do homem.

O verdadeiro patrono da Caixa de 37 não é a siqur, o lirico de "Marília de Dirceu". A poesia instituiu na escolha como medida circunstância. A homenagem ao patrono equivale a um preito de admiração à memória do poeta que se buou a uma nobre causa e por ela padeceu deprede e a morte expatriou. Iluminado por sua sentimento de justica, de independência de anticolonialismo, Tomaz Antônio Gonçaga levou-nos, ultrapassando a sua vocação lírica, a ascendência de uma vocação pública sacrificada pela emancipação do Brasil.

Os fundadores da Academia Literaria, ao contrário do que se tem dito, não iniciaram feliz, ao relvarem da hipocrisia patrio o nome do herói, confundindo-o dentro de uma Caixa a que parecia fadada a recoller. O que, nouros tempos e por outros caminhos, se desvelou no extravagante da Nação, decididos a servir-lhe sem medir esforços.

Já outrora observara curiosas a coincidência de ter sido portugues pelo sangue o patrono da Caixa 37 e portugues pela formação literaria seu primeiro biógrafo, Silveira Ramos. Filósofo, pensando e escrevendo em moldes clássicos, era realmente, um filho espacial de Colónia, exilado no Rio de Janeiro, entre penas que deslocavam prônmes e abreviados dialektos.

O festivo no não é novo e o mais recente na América, com desusada freqüência. Descri-



O sr. Getúlio Vargas fez o seu discurso de posse, na cadeira nº. 37 que tem como patrono o poeta inconfidente Tomaz Antônio Gonçaga.

pa claramente da herança linguística. Os idiomas dos grandes grupos morais originários da Europa tendem a retornar aos antepassados, numa forma de hereditariedade semelhante à do mundo biológico.

Fiel à mentalidade de herança que se fortaleceu definitivamente na fase de formação cultural, Silveira Ramos não se precipitou em readaptar-se às exigências do meio em que veio viver e trabalhar. Certamente, isso não lhe parecia necessário. A língua era e ainda é o único instrumento de expressão entre os dois povos e o luso mais forte de conservatividade capaz de manter o contacto íntimo e fraternal brasileiro e português. Ficou tal como rei de Coimbra, exercendo com serenidade comprensiva a missão de mestre da sua língua. Poi um gramático, classificando que apesar de parecer hoje um tanto severitativa, corresponde cautamente a certos períodos culturais em todas as latitudes. Com perspectiva do tempo poderemos dizer que preferiu ser um seleccionador a ser um criador. Conhecer e escolher é figuração de si-troz mais grata que inventar e produzir.

Em 1931, sucedeu a Silveira Ramos o prof. José de Alcântara Machado de Oliveira, que, durante um decénio, empregou a Academia o brilho da sua pensamento e da sua cultura séria e extensa.

Alcântara Machado representava entre noutras uma estupenda mental de linhas fortes e bem definidas. Possuia uma formação cultural sólida e de amplos horizontes. Essa formação não se fixou, entrelaçada, com a criação de personalidade, que se constituiu rata e em constante ascensão, obedecendo a fundamentos morais de nitida influência cristã e encerrando, segundo o conceito de Marília, a totalidade dos atributos humanos. Militante da catedra, militante da política, exercendo no seu tempo os funções — avenida Faculdade de Direito de São Paulo — arco direita e pessoal como professor e mais tarde deutor, foi literariamente um 1º. Biocentrista.

As épocas passadas encontraram nela ressonâncias duradouras. Aprendeu com Rosas a considerar a tradição o mais forte fundamento da idéia de Pátria. Homem do seu tempo, apreciando as realidades áreas, mas compreensivo e plástico na

situacão social, admirava as antepassadas, celebrava-lhes os feitos e sentia-se perante elas herdeiro responsável das suas qualidades e virtudes.

O livro de extrema literaria de Alcântara Machado — devamo trabalho publicado, porque ate si se as letras jurídicas o preveram — é "Vida e Morte do Bandeirante". Todos nós conhecemos essas páginas admiráveis. Retratando o rei simples, austero e frugal dos desbravadores e pioneiros das terras altas do Brasil, o autor se entrega a uma tarefa grata aos seus sentimentos tradicionais. Não se trata de um trabalho de pure reconstrução histórica. Por certo, enquadra no gênero perfeitamente. Sobra-lhe exatidão documental e a recomposição da realidade social da época se desdobra em quadros descriptivos que são fotográficos, sem omitir a individualização dos fatos, fixando-as a paisagem e aos seus incidentes evocadores. Sabia, naturalmente, que a história deriva da geografia. Colocando as personagens no seu meio, identificando-as com ele, conseguiu apresentar-as completas, subhadas, como deveriam ser na realidade num único bloco. Ali estavam associados, inseparáveis, os dois elementos conformadores da personalidade de Alcântara Machado — o amor à terra e o culto dos antepassados. Deles tiraria, como Barros, sua lei de equilíbrio no seio de uma sociedade em crescimento, que se alargava em círculos maiores de diversificação à medida que lhe vinham de fora, de outras latitudes, contingentes étnicos de variada origem, portadores de novas forças de conquista e de novos processos de apropriação econômica. Vendo chegar os adventícios, o coração de Alcântara Machado se contraiu e o seu espírito se porava de interrogações sobre o futuro.

E fôr de duração o confronto entre os dois quadros — o da expansão bandeirante e o da incipiencia imperialista — sobressaltava-o — encio-a de temores. A propósito, devemos lembrar uma passagem do discurso que pronunciou na Academia Paulista de Letras, em Setembro de 1940.

"Porque não nos iludimos, amigos. Aqui está se desenvolvendo a luta silenciosa e subterrânea, mas incessante e encarniçada, entre sem-futuro, fadado ao desastre, sem futuras, fadado no mesmo sentido, fadado ao perigo, e momento a momento o perigo, são a linguagem por ele usada

em todas as circunstâncias, impresa, óbvia, fulgurante, resplandecente, cheia de ressalvas e elusões, restando um efeito com recurso a velhos meios de engano e de mentira. Em Alcântara Machado, por exemplo, vemos a arte de Silveira 37, mas com a última que — "muito mais forte e mais sutil" — é essa a sua fórmula, que é essa a sua fórmula.

Antes de ir embora, convém analisar uma obra que é fundamental sobre a história do Brasil: "Vida e Morte do Bandeirante", relativamente ao problema da assimilação dos contingentes imigratórios. Já sabemos como era esse anseio da terra, profundamente enraizado no solo pátria. O livro em que crava, magistral e econômicamente, o plomericismo paulista dedicado a membros da família, remontando a "Antônio de Oliveira, casado a São Vicente em 1522. Reata, assim, os laços de averneidade a relhos trechos paternos dos primordios da colonização portuguesa.

Alguns anos antes — em o curioso desencontro — Alcântara Machado, filho mais velho do nosso ilustre campeão, publicava o seu primeiro trabalho literário, dando-lhe por título os nomes de bairros populares de São Paulo e dedicando-o "aos nossos matusinhos", isto é, aos pueriços nascimentos da infância inigualável. E no invés de exercê-lo na língua-pai apurada que tanto eleveu o nome do pai como escritor, utilizou-se do idioma dialectado dos descendentes de Belas, juntando excelente literatura com os casos do cotidiano nas ruas movimentadas dos bairros industriais.

Apareceu, flagrante, a contradicção. Para o filho os bairros da paisagem do pai valiam tanto quanto os seus condes papulinos os seus pequenos industriais prósperos e outros humildes advenitios, construtores amados do engrandecimento da pátria. Enquanto aquele era orgulhoso, os servilistas e drapadores da éra do ouro e pedras, o outro olhava com admiração os homens novos, lutando dentro da floresta das chaminés fumegantes espelhadas reverentemente para os céus.

Compreendemos, desde logo, o antagonismo das duas gerações representadas pelo pai e o filho, com as suas transformações de mentalidade e diferenciação social. Como nem estaria a razão! Talvez Alcântara Machado houvesse formulado a pergunta a si mesmo e nos tivesse dado a resposta na passagem da magistral oração acadêmica anteriormente lembrada. Fazia verá certamente resolver o absurdo seu renascer raízes a ambos. Limitemo-nos, porém, à anotação, ou falo em si, evitando latos que os mortos não podem contestar e aproveitando-o para mostrar como se apresenta, nos nossos dias, imperioso e contingente problema da incorporação dos imigrantes aos nucleos da população nacional. A atualidade, com os tremendos ensinamentos da guerra, está a indicar o único caminho possível: apressarmos, por todos os meios, a transformação das adventícios em autênticos e bons brasileiros.

Depois dessa depressão, retomemos o fio das considerações anteriores para fixar aspectos singulares da fisionomia moral de Alcântara Machado e varremos os rímos da sua marcha eterno-silenciosa, dos bancos e cedros que até alcançou a mais alta plenitude da consagração literária.

Todos os acadêmicos, todos os homens bons preservam dentro do imaginário — leiam em mim — os rímos no mundo dos tribunais e suplicâncias e das cenas de lies respeito, seja a um ou a um modelo da vida, seja a "aquele que é, quem é, quem é", cuja maneira de ser os rímos se estende. Esse é o fio que os procuram incluir no fio

a juventude, malhas sem édito, outros com alguma approximação, outras logo a distância da vida, e entre elas. Havia ainda os que se deslocavam em suas primeiras expedições de adaptação e os que levavam em segredo patrões antipáticos e incompatíveis com os costumes e do temperamento e as vivências de tempos e de négocios, gozavam, os casos que mais se fazem notar pelo desparado das contrastes e a incongruência dos altos postigos e excentricidades. Não pemos por elas, com tanta freqüência, tanta vez que se julgava Demostenes, peugaudor de bibliotecas, que em seu íntimo eram grandes erudições militares, políticas, estéticas e espirituais; pela influência das figuras históricas de Napoleão, Alexandre e Cesars. Quinze desses desencontros, dessas falhadas de modelos, estavam o interior da atração no de "ino dos homens e das mulheres".

Se formassemos a serio a estrutura teórica, as verificações da sua teoria, haveriam de ser desprovidas. Não, certamente, em retrocesso, a homens como Alvaro Machado, cuja originalidade e seu trabalho dão destaque, tal a confessada fidelidade com que o seguia, honrando-o consciente e exemplarmente. Nunca o odiou e em todas as circunstâncias trouxe a presença como supremo maior das suas diretrizes morais e das suas conquistas de homem de pensamento. Era o pai, era Brasílio Machado, cuja biografia escreveu com tanto carinho e devocional filhos.

De Alvaro Machado podíamos dizer que foi um meninomogo. Cresceu e educou-se sob a direta e imediata influência paterna. Brasílio Machado, professor, advogado, político e orador, marcou-lhe os rumos da existência desde os passos iniciais. Perto, reconcentrado, os primeiros — aos 21 anos se fazia professor na mesma escola onde pontificava o pai. A tese com que desfilava e cadeira — um trabalho completo sobre medicina legal — revelou uma inteligência vigorosa, honesta e armada "nos melhores recursos da literatura jurídica e das letras hispânicas. Das por dante, nenhum havia resistido na marcha. Entrou, assim, a outros trabalhos como advogado e político, e os realizou com a mesma segurança e eficiência de deixa.

Poucos contatos pessoais tinham Alvaro Machado para com o seu herdeiro, habilitado a falar da sua feito íntimo, dos hábitos de seu caráter, dos sentimentos e reações diante dos atos humanos e dos acontecimentos sociais. O que recalhou, porém, confirmou substancialmente o testemunho dos amigos e dos que o conheceram mais de perto. Muitos se referem à sua bondade acolhedora, a timidez que parecia dominar-lhe os movimentos e dar a quem não o conhecía uma falsa impressão de vaidade e superioridade evidente. Não me parece que esse fosse, realmente, o "desfeio homônimo" do seu caráter. A timidez nos capítulos cultos e sensacionais de ser atingidos simultaneamente pelas curiosidades, as surpresas e afrenamentos das vivências novas, ora amortecidas, ora abruptas, deixou-se surpreender nos primeiros contactos. Até que, por isso mesmo, nascendo e na maneira de compor-se, os nervos de contenção e de servidão, que se vivem e persistem nos temperos de equilíbrio, sobre o que Alvaro Machado evidentemente a classificava de "muito". Nas aulas de alegre desordem, em que o professor se sentava e ficava firme. Pediam-se por quem arrependia, e mais não só, mas a decisão a decisiva por impulso.

on temor. Era, apesar disso — afirmam quantos lhe desfrutaram a convivência e o trato fluido — um afetivo. Não se conseguia facilmente a intimidade, mas reservava para os amigos uma constante e enternecida assistência. O que o fazia parecer expandir e o colocava impulsionado de quem não quer ter sido ladeiro: pôs o recuo de parecer falso e medíocre, quando o seu empenho maior consistia em guardar fidelidade a si mesmo. Pertencendo a uma geração de elite — a de 1930 — teve oportunidade de conhecer períodos de depressão, de prosperidade geral e deários traumáticos políticos. Rivalhera, na fase de formação, as últimas influências do romanticismo e sofreu as primeiras inquietações do século. Explique-se, assim, porque, atingido a idade madura, desfez suas muiias buscas e embriado de resignação cristã, viu-se a considerar "a vida numa grande luta de humildade".

Os últimos anos de existência congregaram Alvaro Machado e os trabalhos totalmente diferentes: a biografia de Brasílio Machado e o Código Criminal Brasileiro.

O estudo de cráfico do pai assistiu-mi: um marco definitivo na carreira do escritor. Existe-o com cuidados extenuantes. O perigo do notável professor vale por uma perfeita reprodução da sua personalidade. Brasílio Machado possuía, intuitivamente, títulos de sobre para destacar-se no meio em que vivia e atuou. A inteligência pronta, a cultura jurídica, a combatividade faziam-no admirado e respeitado como mestre e cidadão. Possuía porte triunfante, flama e audácias verbais de autêntico orador. Era, também, capaz de devotar-se a causas nobres e desinteressadas. Firme de caráter e de convicções, quando renunciou às lutas partidárias não o fez para encerrar-se no clamor silêncio do conformismo. Católico praticante, alicerçado nos seus trabalhos, as orações acadêmicas representam uma contribuição literária destinada a durar e a incorporar-se ao patrimônio cultural do país. São páginas vigorosas de penetração crítica, saturadas de sentido humanista, onde o escritor se mostra na plenitude das

Apraz-me destacar, mais uma vez, esse traço marcante da personalidade de Alvaro Machado. O sentido da solidariedade humana era nele tão forte como a vontade de realizar. Pensava certamente com Montaigne que "quem não vive de algum modo para os outros mal vive para si".

Nas atividades de acadêmico conduziu-se com idêntico elevado de espírito. Ia e disseram melhor do que eu, por ocasião da sua morte, os eminentes confrades congregados em sessão para celebrar-lhe a memória. No aeroporto dos seus trabalhos, as orações acadêmicas representam uma contribuição literária destinada a durar e a incorporar-se ao patrimônio cultural do país. São páginas vigorosas de penetração crítica, saturadas de sentido humanista, onde o escritor se mostra na plenitude das



O sr. Getúlio Vargas, ao lado do sr. Maurício Soárez, presidente da Academia Brasileira de Letras, assina o seu nome no livro da Casa de Machado Assis.

seus recursos de expressão. Lembramo-nos discursos de posse e recepção que pronunciou, os juizinhos sobre Silva Ramos, Luiz Gutiérrez Júnior, João Ribeiro e Joaquim Nabuco. A precisão dos conceitos, o exame das ascendências culturais e os novos históricos indispensáveis em trabalhos críticos de ampla estruturação, transformam os peris trazidos numa galeria rica de conteúdo espiritual e de interesse humano.

Alvaro Machado trouxe para os trabalhos acadêmicos a sua deslumbrada capacidade de compreender e aguçar, assim

restrições ideológicas e preconceitos de escola, os valores fundados da inteligência. Acreditava no prisma social dos intelectuais e na função política da literatura.

A existência de instituições como a nossa não encontraria justificação plausível no conjunto das atividades sociais se limitasssem a sua esfera de ação à tarefa de selecionar e conservar, dentro das fronteiras do país, as glórias literárias. E' o que se pode concluir também, atentando para a felicidade peculiar da obra de Alvaro Machado e evocando as palavras magistrais da parte final da sua oração de posse, quando afirma caber à Academia "que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionais, o dever, de que jamais deserton de exercer os clãos de solidariedade, que uma compreensão e um conhecimento mais perfeito, entre os brasileiros de todos os Estados".

Encerra essa afirmação todo um programa de ação contrária e nacionalizadora. A Academia, preciso é reconhecer, já começou a executá-la desde o momento em que abriu as portas da imortalidade aos representantes da inteligência brasileira vindos dos diversos quadrantes geográficos e considerados expoentes legítimos nas letras, na sociologia, na medicina, na administração e nas ciências em geral. Cumprindo-o, apenas, desenvolvendo-lo, ampliando, exercendo uma espécie de judicatura sobre a vida mental do país, preparando uma atitude de interesse e de respeito pelas criações intelectuais, estimulando as vocações e facilitando-lhes o acesso às fontes de renovação e renovação científica.

O Brasil realiza a sua conciliação política, constrói espaço a sua emancipação econômica e física, finalmente, a sua consolidação cultural. As responsabilidades dessa magna tarefa formam recente e intensamente os intelectuais e os homens de pensamento. A Academia Brasileira de Letras não renuncia à tarefa, mas, depois de muita discussão, ferrou-a no caminho das suas instâncias monárquicas, que não se resignam a ceder a tão alta esfera, e que melhor podem encaixar-se — o de intelectuais de geração antiga e já politizada.



O presidente Getúlio Vargas, para a sua escolha de S. Paulo, é recebido no aeroporto de Itaim Paulista, em 20 de junho de 1941, pelo presidente da ABL, Alvaro Machado e Pedro Coluna.

"Scalbar" Göttinger-Vergas.

Não é esta a primeira vez que a Academia vos retribue e, ainda que nas duas anteriores não previo aviso nem preste todo fôlego ao círculo, como não é agora, mesmo visto o prazer de uma presença tanto mais apreciada quanto de interior inspiradora do visitante. Trouxeram-nos em o desejo de conhecer e examinar a nossa biblioteca, e foi com desvantagem surpreendente que vimos nesse dia a honrosa oportunidade, sem precedente, de acudir um Chefe de Estado em caráter privado.

Seap tiene una visita por la noche
desde tarde en tarde, cartas
en que el sol, prestes a recogerse,
comó que deseas de



*O sr. Alcindo de Paiva, em nome da casa de Machado de Assis,
deu-nos todos os livros que se acham na sala das Tábuas.*

xar em nossos olhos uma de-
lícita recordação de sua
elegância e magia tal, repara-
ndo no ar poeira de ouro e
transformando as vulturas do
casario em vultosas espelhas.
Também em vultosas espelhas
de ouro — "A hora
mágica de declinar do dia" — de
Ment Alverne, sei da sacra elo-
quência.

Parecia ainda mais graciosa a renda verde dos folhos das árvores que a brisa jamais deixava reposar e que franjiam com sua perene inquietude a calma lachânia em que se avessa negativado Machado de Assis, como se na fuligem lambentilha em pensamento e anseio.

Colégio de peças direitas
que deviam sobre a rica e sole-
te academia, ademais que se tives-
se embora alguma no se-
lado, num ambiente de topo
não devia em caso de possi-
veis atrações de desordens para
sair e regressar insensivel-
mente voltar a vida urbana
deve ser com todo respeito
valioso. Daí o nome de «caixa
de mola» que é a razão de se
dizer de hemiciclo estendido
em seu extremo extremo.
Significa quanto o visitante se
sentisse à vontade entre os muros
dos abrigos e as portas da
imortalidade.

Parou. Um olhar significativo foi logo dirigido para o medo e jardim da Academia como uma das mais perfeitas flores de seu gênio poético, esplende, igualmente em bronze, e fama o decassílabo "Auriverde p'ndia da minha terra", indicado por certo concurso entre intelectuais como o nosso mago belo verso — dir-se-ia e

O discurso do sr. Ataulpho de Paiva

proprio pavilhão nacional a desdobrar-se em ondulações sonoras ao ritmo de um fluido que resultasse do entusiasmo bater dos corações brasileiros. E a bandeira da Patria em daldão em bronce de Castro Alves, junto ao qual adoravam coras verbais, a transmutação das palavras em chama de amor e devoção, o milagre da imaginação sonora convertendo-se em visão de sagrados céus e terras queridas, o canto de um poeta exprimindo a Brasil. "Auriverde pendão da minha

nhecimento e do de todo o Brasil letitado. E a prova disso é a testemunha náquela mesma tarde de surpresas, desparando ali, em placa de bronze reluzente, abaixo da fiel retrato de Machado de Assis, a reprodução do decreto presidencial mandando fosse de culto nacional o dia do centenário do nosso patrono — o Santo da Academia. Diria eu, assim fosse feito transpor para um ambiente profano a sagrada aureola do altar. E assim antes de eleito acadêmico já estava o nome de Getúlio

antimo se expandira entre o administrador diversa a que ja chama "lutas heroicas da nacionalidade" os efeitos e as utilidades de batalha das nossas evangelizadoras, e cujo respeito ja disse a sua pena primorosa: "No Brasil Colonia, no Brasil Imperio e no Brasil Republica, o lugar da Igreja Católica esta marcado em destaque, como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases das famílias e da sociedade!"

sova brincadeira, que a si mesma
daria ser um novo General
Vargas. Mas a nobreza é uma
das virtudes militares, e por ter
em coroar sua natureza, teria o conde
de Cavaleiro de Abundância,
e vivendo de ofícios ou reclamando
para si também a responsabilidade
de um ato de indisciplina
que não praticara, mas de cui
estava por se apresentar escon-
der, unicamente em gesto de
solidariedade aos camaradas
aliados. Belo traço no caráter
que sua casta e afeição
a uma escritura.

Já não poderia ser evitado. Todavia ainda tentou, realizando transferência para a prisão de Mato Grosso, retornando para uma ilha que o horizonte internacional, dia a dia mais estreitado, prenunciava. Debalde, porém, ia-se perdoar prisão combatente: a direção não veio, mas o ardigo empregado infanti: não é, como a Nazaré, graca a Deus por não ter vindo.

Deixou para sempre o Partido Nacional. E, entretanto, dia voltaria a ser soldado, dia ainda longínquo, antes que natal faria a sua singular e singular carreira civil, mas que, como consequência desta, haveria de chegar em 3 de outubro de 1930, quando as circunstâncias o arremigariam geralmente, que general, generalissimo. E é momento da ova à marcha do Rio Grande para o Rio de Janeiro, os donos ricos em imbuídas e primitivas

um só magico de uma tripla
que era uma ideia e um lucro.
Por isso mesmo o governo
não quis trazer sobre si
as estradas de chefe caprinos,
mas apesar a angelos bairros o
fazendo caso. Sempre a descrever
a medida. E que imediatamente
veio a sentir um resultado
um agente do ideal evitou
se por mere solidade permanecendo
na roça a operar a
reforma. Com isto o
governo dos Estados Unidos obteve
resultado de resultados.

Essa é a grandeza
da sua obra, o que
é mais de uma grandeza
de ideias e realismo moral.
Mas é preciso que se
saiba que para mim o crescimento
espiritual e material de um
povo, que é a sua maior
vantagem, escondida nos inter-
iores, ou fosse a Nossa Senhora.
E por
o resultado terrenos, estabelecidos
— demonstram que esse
projeto humano, destrutivo, não
difere de iniciativas e lutas
que acreditava construtiva. Vai
assim já o dizeres um dia:
O velho em fato, com autoridade
e liberdade, se submette à mem-
ória das soluções concretas
realistas.

Antes, porém, de studar as suas capitais e abundantes realizações, antes de mais, vamos retomar o jovem em que se encontra "condenado" para a sua dúvida eterna a voz da consciência intima, saboreando-a, amando-a, via de passagem, e tocando-lhe os mimos, tocar-lhe o quartel o pata o de alma com

valente, com essa probabilidade que vai se acompanhando é nunca vê abandona-la. Mas uma verdade, o excesso natural pode ser fatal. No campo do trabalho, o excesso nimba seu apetite e surpreia. Também é raro ver cíclios animais cheios de intensidade desproporcional. No homem impõe a mentalidade romântica e canta de fronteira. Aí está enunciado com a guerra, a estrada logo por detrás dos bordos políticos, a amizade entre os homens transformado em rixas logo ao virar da esquina; por isso, é de bom avante manter-se a gente vigilante sobre as consas dessa vida, que ela propriamente uma interrupção fronteira entre a tristeza e o perigo, entre a felicidade e o infarto, entre ser e não ser.

**Encerrada a carreira militar,
iniciantes a do direito. Faculdade**

mento de Girardin sobre o jornalismo, diríamos que o diretor convidou a tudo, sob a condição de mais se sair direito. A visão conseguiu ele conduzindo a literatura ao próprio jornalismo e à política. Ao tempo de estudante e frequentador das livrarias da rua da Praia, vossos amigos predilectos eram Gustavos Cunha e Ramal Pompéia e, entre os estrangeiros, Paul de Sait Victor, Nietzsche e Zola. Os predilectos e velhos amigos Paul de Saint Victor, de sua infância, e o velho como um espírito — São Bráulio, disse-vos, que só pode ser São Bráulio, e outros. Mas, de fato, os meus estudos, vossas lições de cultura de antecipação, a leitura avulsa, a leitura de revistas, de livros, de artigos, de livros de teatro, de contos, de romances, interessa-vos a cultura Nietzsche, e assim se iniciava o domínio do doutrinário da vossa cultura. E, de fato, a vossa cultura trouxe-me o sentimento de que, em vez de São Bráulio e Nietzsche, eu devia ter nascido na Alemanha, na França, na Inglaterra.

Nietzsche é, talvez, a cultura havida de oitocentos e cinquenta anos, mas, de fato, é um imenso deslumbramento, e os enigmas de quem tanto pôem, já se sentia compreendido pelos problemas da natureza que encantavam tão simpáticos o novecento da antiga ensaística crítica de 1905, o qual me encantava o estatista que, trinta anos após, fazia da consciência corporal, espiritual e social dos brasileiros o centro de sua ação governativa. — O inspetor e conselheiro dessa conduta, endereço deles que elevariam a saúde, o conforto e a dignidade do proletário, eliminariam do país as paredes amedrontadoras empregadores e empregados, na solidariedade do trabalho e, assim impossibilitariam no Brasil a luta de classes que ameaçava as infelizes classes de velha e alta civilização.

Também vos empolgou a obra desse extraordinário Encyclopédie — Séries — a epopeia da terra e da gente, o contraste recorrente da grandeza com a banalidade, da indiferente opinião da natureza com a perturbada estória dos habitantes; essa terra e gente dignas, unis, unidas, e ambas só a esperar o homem que as harmonizasse, uma compreensão superior, um estorço de largo horizonte, uma organização de ampla visão nacional. Esse homem é Brasil o encantado afinal. E da essa fúria assustadora e verde.

Sua Pompéia, vítima da cegueira de perigo, morreu infeliz de desespero. Ao constar da sua Alegre convivência e sorteio e maravilhosa e artística morte, ali mesmo. Quando, na reunião, o comentarista Luiz Viana, Federal se Amaral Pimentel, contou que em Jornalismo, no mostravam-se a casa de dormitório de Raul Pompéia, os quedas e quedas humilhantes, o motivo de tal alimento, suscita-vos o reflexo de tarte encantado juvenil. Revisou a passagem pelo mundo, infeliz e doloroso, de um extraotorgado engenho, cérebro de fogo que se queimou a si mesmo, exasperada sensação que só podia achar deserto pingando com uma bala de revolver o ponto final numha existência tormentada. O alto espírito que atravessara a existência aos sobrealtos de um ininterrupto excesso febril de alegrias e desventuras, encontra ali nequela sequinha essa branca da Fazenda da Boa Vista, que iluminou os olhos Passada a onda de recordações, assumiu a voz vos intonadas de amores, para dizer que, por haver sido herdeiro de Pompéia a localidade, mais se justificava o destino, que trazeu em memória como o governo Federal era propriedade do desenvolvimento de Anchieta Belo, com favorável representação na contígua Juazeiro. Pessoalmente satisfeita de divulgar que o Estado do Rio de

Janeiro cogita de desapropriar a casa de Pompéia, que sera seu capricho...

E agora a voz de Ramalho Ortigão, que, de repente, percebe prender de mais rancor ambílio de que o atingido pelas ironicas Farpas; perdendo seu habitual equilíbrio, entra a horas de rijo nas "quatro milhóes de ciganos explorando-se mutuamente e aborrecendo-se em romum". Vossa vigorosa discussão com todos os encantos de fogo improvisado, era enfaticamente condizida por um tema que só a cultura meditada poderia amadurecer: o de que a república em Portugal foi muito mais obra dos intelectuais que dos políticos, um movimento nacional que teve sua origem nos mais singulares fontes do espírito e da encarno.

A nobilitante paixão de intelectualidade sólo igualmente a confidencial ontem que denunciava de ouvir, solícito por si só para mostrar que a Academia pôde em designar o sucessor de Alcantara Machado. A critica literária e histórica foi das primeiras atividades a que vossa pena jovem espontaneamente se deu, e o fino estudo que acabava de fazer do patrono e do último ocupante da cadeira n.º 37 confirma que as tendências naturais de um escritor garantiram o bem executado de toda obra, em que classificavam partiu consideravel.

Alcantara Machado exultaria ao se ver assim tão bem compreendido: entenderia melhor a sua glória e não duvidaria da sua imortalidade. Resultaria numa repetição se acaso eu me animasse a acrescentar algumas linhas a belza das vosas expressões, além do mais, seu o mérito da maneira elegante, angustiosa e feliz com que vem de ser analizada a luminosa personalidade de quem, já certa vez se disse, igualmente neste cenaculo: teve por missa a perfígia. E o que é perfeito, só pode ser visto de um amigo ágil, como se impõem as colunas definitivas.

Vossa recentissima passagem por São Paulo entre as maiores atrações já prestadas a um homem público em nosso país, a que não faltou a expressiva homenagem dos seus brilhantes intelectuais. As vésperas da noite em que juntos iriam recordar tão elevada figura paulista, levava-a farto sente ainda mais vivamente do que de costume os reais fundamentos do orgulho do gaúchissimo acadêmico em desceder dos "vôlos" dos setores, e seteandores de cidades que tinham por si a densa fertilidade do deserto.

Mas recordo firmemente registrar a fascinação de discorrer sobre Alcantara Machado, para me pospor a subalternia suave do padilho ero do já ditoso, de apurada sombra das brillantes páginas que acabam de surpreender com envio os apurados ouvidos desta sala cultíssima. No inicio do século, já se afirmava a natureza calma, contempladora e equívoca de quem, ali mesmo em Porto Alegre, presidia o Estado e dirigia a comunidade gaúcha — por tradição, a mais linda e violentemente desmudada do Brasil, mas que o hábil contemporâneo acabava congratulando num sentir único. Habitado aos triunfos, nenhum entretanto vos afagava tanto o coração como essa explodida e, na época, inacreditável vitória sobre um passado de lutas periodicamente renovadas, em que um herói-maior descessario sangrou sobre as coxilhas natas a gente que Garibaldi proclamava a mais brava do mundo.

Já desde tenra mocidade saíram a tocar o ponto de vista de Sárs, que Recam prenunciava para julgamento das contingências terrenas; mas só pode perceber algo de Sárs quem nasceu para observar as coisas como as vê um frio telescópio. Vos privilegiado ob-



Tomás Antônio Gonzaga, o famoso poeta de "Mário", patrono da cadeira que o sr. Getúlio Vargas ocupou na Academia Brasileira de Letras, no encanjo de Alcantara Machado. (Quadro de Maximiliano Mafra)

servador, possui o dom de discernir as ocasiões em que é necessário fazer uso do telescópio, aquela em que convém ser integralmente homem. O povo quer bem ao homem e admira o telescópio, o povo aproveita de ambos e as coisas vão correndo bem.

Vossa personalidade extrai-se pela opulenta selva de uma juventude em flor, apresentando o integral vigor das obras de natureza e o período das espontâneas prevalentes e das sinceridades infantis, quadra em que o caráter não pode transparecer ainda sem os ressentimentos das contrariedades, nem as cimadas das golpes adversos, o fel das amarguras e o fel das dores ainda não alteraram a compostura dos humores, estudo de pureza d'alma próprio as suas análises psicológicas. O campo das margens do Uruguai, desabrigando-se em multidões suaves ao planalto que se fundem numa planície verde, retira o horizonte e parece dilatar a compreensão humana; tal a paisagem de vossa infância e adolescência, que vos permitiu vir longe o objetivo e longe de perceber o perigo, e, assim, vos apurou inteligência e calma, no mesmo tempo que ensinava a descobrir o que tinha de vir, fornecendo as surpresas, disponibilizando espaço e tempo para refletir e escolher o caminho mais seguro; e por isso que o sabes o mais seguro, o seguríssimo com determinação. A planície verde eriou a vossa paisagem psicológica: serenidade e largura de vistas, moderação e tolerância; inteligência penetrante, ponderação e pertinacia, previsão inegualável dos acontecimentos, vontade, coragem e resolução — tudo envolto em simplicidade.

Com esses dons, fortes como a natureza que os formou, ireis empreender a certamente mais maravilhosa travessia que um brasileiro já realizou de quantos os quiseram portar nessa opulenta e singu-

larabrirem-se a vossa pés, quatro ou cinco vezes a morte quis atingir-vos, mas até a morte leve de restas ante a vossa determinação de prosseguir para a frente. "De pé!" ordenastes ao Rio Grande, num momento decisivo; de pé os mancevrestes em toda a vossa carreira impar. Rememorá-la inteira não seria obra exequível num discurso. Centenas de livros, infinitade de artigos retratam a vossa personalidade, e ainda mais do que se tem escrito temos visto e comentado nós todos, bocaninhos da associação extraordinária que breve juntaria o mundo na apoteose que vos espera — a festa da Vitoria que já vi-tumbra redenção de sacrifícios e isolamento de glórias iluminando para todos um mundo enlutado, solidamente implantado no supremo direito de viver em paz. Vossa nome entrelevar-se-á à constelação dos gloriosos estrelas que viram justa e viveram arrancar da premeditação da ignomínia as partidas aventureiras de escravidão.

Ainda nessa encruzilhada do Destino vos valeram — e a nos todos — as qualidades pessoais que ate então vos haviam guindado aos triunfos. Com que calma seguestes os acontecimentos que a tantos apavoravam; e com que decisão intrinsecamente em que se tornou indispensável intervir! A voz de vossa consciência confundiu e entrou com a voz da Nação, e assim, nunes um Chefe de Estado, no supremo lance de uma declaração de guerra, terá sido malia que este o consenso geral a apoiar-lhe a pena que assimava a mais terrível das decisões.

Os comentários sobre uma personalidade esclarecem, a critica orienta, os discursos podem fazer refletir... ou dormir. Nada contudo jamais conveniente tão fundo como suas próprias palavras e principalmente as suas próprias aulas. Pela manhã e outras achar-se-ao alvorço de quantos os quiseram portar

Na coletânea *A Nova Poesia do Brasil*, cuja nova edição já publicamos formam os autores processos em que o estadia Cetim Vargas irá pleitear perante a História o julgamento sobre o seu governo. E poderá sumilmente pleitear, perante a arte e o pensamento, os títulos de autor virtuoso e escritor competente. Quanto ao julgamento da Academia, el-a nota sempre consagradora.

A sermão de discursos e mensagens, como pertence esta na simplicidade, gravidade e persistência. Todo o homem culto, como no seu gênero, a todos engolindo é uma sábia pregação particular de longa fôlego, uma cadeira de prosopâmica e oratória, abrindo e atravessando o país, como um raio de luz, dispendo a cada um dos auditórios que se foram esculhando no tempo e no espaço a palavra oportuna e orientadora que era necessário dizer, transmitindo o profundo sentimento de confiança no futuro do Brasil de um homem envolto de grandes dor de dentes da terra romântica e que conclama sua concidência a trabalhar.

com ele e com ele marcarem, no labor e na disciplina, para uma fulgente meta de conquistas partiticas. "O progresso é a ordem em marcha", disse Pinheiro e provou Getúlio Vargas. A Nova Política de Brasil é simultaneamente um eloquente balanço do já alcançado a partir de 1930 — e uma declaração a que todos convergem para a realização daquilo que a Nação ainda não conseguiu, mas a que pode legitimamente aspirar. Sua, porque mesmo quando apenas almeja, o seu condutor nacional e os seus aliados e sussegto manteêm dentro de um círculo estreito de equilíbrio. Círculo constitutivo e de pertinência.

Mais de doze milhares de pessoas de uma etnia que viva e brilhante! O leitor, à medida que avançar e sente constituir-se na serena eternidade das páginas e nos anéis, a história destes últimos trepidantes anos de vida nacional, decisivos para plasmarmos um Brasil novo, ve uma organização social de novas noções, impulsionado pelo resultado de um momento em que o resultado de que formaram a nova tradição contemporânea da vida é em escambo. O velho e valente laço de justiça social não teve nenhuma lâme eletrônico apertado, mas o velho de sua era fundiu-se na ideia de solidariedade e do mundo novo para sempre desse novo Brasil e provecto de futuro.

A Nova Política do Brasil é
bem original, porque a sua
elaboração não te faz produzir
nada pelo mero homem que
a fez nascere e agora os expo-
ne à vida nacional a partir
de 30 e, especialmente, de 31
de cada — a em particular co-

no lá lhe chamaram. Poderia achar de triste que epigráfe a obra-prima de Emerson, grande instituição é a sombra longa de um homem". A obra-pratada se sobre o Brasil novo, rebrindando-o como um espírito vivificante, para a ampará-lo vigoroso, quase frenética, da renovação e do aperfeiçoamento conduzindo a nação nist so na falada "renascença ou basta", mas também em grandes e até gigantescos encantamentos em todas as

outras direções — ao norte, oriental e paralelo; ao centro-este; no sul, curvado a leste, e a maior ilha comum no mar, Aranha, reconstruída; o horizonte em diâmbante reconstituído; em todos os pontos cardinais avistou, mal acha, descorrendo destravado o envelhecido senhorceado.

o, evitando enriquecerlo.
Os sitemos que periodicamente
e sucedem regios e comumentes
e uma fatacadia geologica
esse terrivelas abismos dentro
ores de vidas e utilidades: as d

convulções raschando a crosta da Terra, abrindo-lhe fendas e exaravadas alírias para as profundezas o que até então fizera a beleza e a felicidade da superfície. Pela poderíamos, aliás, em linguagem de geologia, caracterizar a era petulante como uma sucessão de sismos avassaladores, já que trouxeram das minas para o Nor da terra os tesouros que lá se achavam enterrados e envolvidos no silêncio milenar das couzas condonadas a juntar seriam aproveitadas. Assim, esses imensos depósitos de ferro que vasto e engenhoso mundo começava a mobilizar para um dos maiores grandiosos movimentos econômicos já realizados de um só fôlego e que se estendia na empresa de Volta Redonda — arsenal da indústria e da defesa nacional, combinado num patriotismo de arrebatado entusiasmo patriótico e ora exercitado com vigor vulcânico, teria ao mesmo tempo arrojado a segurança que nos emanciparia definitivamente; a segurança da independência do Brasil. Vulcâno é esse homem com insignias acadêmicas, trançado e mordido, que temos ante de nós.

O minério não tragado pelas
chamas gueiras dos fornos de
Bella Redonda sobrará para
carregar da frota que o há de le-
var ao estrangeiro, pesando for-
temente na balança comercial
do Brasil. E, com a criação da
nova riqueza nacional, em
meio aos tornantes e únicos
sucessores dos aluministas
de todos os tempos, conseguire-
mos, de fato, transformar ferro
em ouro. Fizemos procurar o
treco, e ele está aparecendo
nas melhores promessas de
uma nova riqueza nacional in-
descriável. Facilitastes a
indústria do carvão de pedra, e
agora ao nervosismo de sua
criação, vai o Brasil despôr
o combustível necessário à
indústria siderúrgica. Os proble-
mas de alumínio e do níquel
armados para uma solu-
ção prática. O do goma plasti-
ca e neste momento, não é
a resurreição de uma riqueza
nacional como também, fe-
tivamente contribuição para salva-
ção do mundo. Estais no con-
selho supremo do "bastião da
nação", para cujo feliz cons-
equir que resultará a par-
ticular que resultará a balan-

O avião é o vanguardista da borbacha, e ainda aproveitando o incomumvel soldado mercante se manifestam a vossa clarividência e vontade de chefe. Presenteis de há muito o papel do avião neste país de imensa terra, vasta porção mal conhecida e deshabitada; só a sede da província de Guanabara, que não proverá festejos nortistas intermináveis. Jamais encontrei o avião pleno que haja sido enviado para tanto teatro e ontem amanhã varia-lhe-se a mesma contentagem de um helicóptero das das do noite, em cuja volta se levava o combate com a marinha portuguesa. O helicóptero pôs sua esfera de fogo num dos navios, feriu de morte, deixa os inimigos contaminantes, e logo alongadas as distâncias e tanto dificultando a penetração. No Inferno Verde, o branco fazia facili e o vermelho perigoso...

ocidade e a autonomia da
maia. De voir podem dominar
a distância e o deserto. Los
muros a compreenderão, se
o intrastre a animar a na-
ção nêrea por todos os mu-
chos inclusive pelo exemplo
de sua das que mais tem
reservado o território patrio.

O Exercito Nacional? ativo
pajante como sempre, mais
grande, engrandecido, melhor,
alto melhor aprovado para
uma nobre missão. Temo-lo
este momento apercebido e um
estrada como novas e amar-
corporação militar de glo-
bal tradição, cujos feitos nos
embravam na infância e co-

n vésperas de se repelirem em novos confrontos, abrigações e fusões. A esfera é o círculo do nacionalidade. Sangue novo, sob os cuidados necessários, lhe infiltraria nas velhas malas feitos de devotamento e abnegação pela pátria. Em conjunto com o Exército, a Marinha Nacional reverenciada aparecida de unidas novas, muitas constituiam em nossos estados, também ela rica de tradições; a de guerra brasileira apontava em ativa cruzada, veia profunda a navegação e as costas, afugentando a pirataria europeia. Por seu turno, tornando paralela com o Exército e a Marinha Nacional e assim cooperando com inteira eficiência, para melhor guarda desse vasto litoral e, possivelmente, aquela territorial, alia-se ao Corpo Aeronáutico Militar, sempre em erião vossa, apresentando já uma bela folha de vices com que se recomendava cada vez mais a admiração e reconhecimento dos nacionais e de estrangeiros.

lo ardor e constância com
estimulando a defesa do país,
umbra-se ainda a vocação
menino samborjense; contudo
soldado na alma, e a res-
posta com que esta noite vos
fiz é, em realidade, muito
mais simbólica do que parece.
No mesmo tempo que fizesteis
parar as armas para a defesa
da Patria, cuidais do ensino
da educação com o desvio
que nem mede em toda a ex-
tensão e urgência desses pro-
míos fundamentais do Brasil.
E, sem dúvida, um dos me-
lhores prouessos muias vos re-
comendastes a escolha da Academia
sempre atenta a quanto
concerner ao cultivo das inter-
esses dos brasileiros; não
podia, pois, escapar o vosso
desejo de abrir escolas, sempre
a escolas, ainda mais ricos.
Ha poucas semanas, alguma
louvável avulsava o decidido
que tendes dado aos ad-
miráveis serviços da Crozadão
Institucional de Educação, apare-
cendo, agora, as estatísticas do
Instituto Nacional de Estudos
Geográficos. Nada mais am-
plio: nos últimos dez anos,
4 mil escolas e mais quase
milhões de alunos a apren-
der, infelizmente, malati.

As grandes noções que compõem a mentalidade de um a afagham-nos na escola".
Estas ha dias uma breve
notícia que é um privilégio de
sua e de expressão escrita.
O grande amôro das
mães nra nra inspirada
no em toda a plenitude de
seu amor patriótico. Que
muito lheve para a primitiva
educação dos novos professores
de escola que a ouviram do
seu parêntimo que os sou-
beis no Instituto de Educação
da casa de Benjamin Cons-
tituição Announces entia: "Nest-
a Capital a Municipalidade
que já construiu mais de vinte
escolas e tem, vâ-
lentes em construção, com
ocidade para vinte mil alu-
griais — arcebispo-las —
Prefeito Henrique Doda-
mento que ainda conserva
antigo professor, o seu
pele escola, mostrando
despido empenho em atender
as necessidades educacionais
município".

am é, em verdade. A posição da cidade sabe que o Governador não dorme; faz dormir cedo as crianças para que cedo acorde, e no caminho da escola, em do algre, muleta dos livros ouças em demanda do aprendizado.

Academia, portanto, en-
tes, como um autêntico in-
stituto que dirige a adoles-
cência, submete o espírito à
apurada cultura e dire-
ciona robustos e belos
homens, prodigiosamente espalhados
em escritos e discursos ri-
ches e substância — e, não ob-
servando.

nte, de forma ligeira, cuja sim-
eidade mais lhe resulta a
gancha.

do teatro motivo de proxima
interesse da Academia,
monstrado em concurso de
muitos vinhos, desde depura-
ção abundante e ade-
sas culturas maravilho.
O cortesão
agradecido da classe benefici-
ária chama no decreto que
deu garantia material e
material "Lei Octávio Vargas",
que vive um dia nasce —
dar Azevedo — e com esse
assimismo tem feito ressaltar
a Casa de São de que
hou aquilo com que o mes-
mo sonhava: um teatro nacio-
nal deixando a oficina
exploradores de artistas e
um mundo das paixões.

mais gasto das massas! Entre os serviços que criaram para difundir cultura, educação e cívismo, avulta o Instituto Nacional do Livro, a utilidade os números maximamente do que os passavam, exprimem: quantidade superior a cem mil volumes distribuídos gratis, a fundação de centros e muitas bibliotecas, a elaboração de um mês de auge de delícias; a edição, já encerrada ou em preparo, de dezenas de revistas, quatro

Em geral interesse, quia dicionário biográfico e encyclopédico. O instituto é particularmente rico a este respeito que poderia ter por tópico um livro, em lugar de Jours; prestar-se-nos-los faríam que nunca deixaram nem os académicos — e que ainda talvez resultasse um aumento no prestígio dela e deles.

As se fazem tão profusamente

se fazer tão presta distribuir o uso de en-
o, preparando-o para as
nistas futuras, não reque-
re que no passado tire uma
o, além de orgulho, ensi-
enos. A tradição forma a
de de uma povo. Ela porque
interessais pela preserva-
ambientes em que nos-
sólores forjam a sua glo-
e seu martírio, trabalhando
paixão. Tal ideia, belíssima
dos aspectos, que vis-
a criação do Serviço do
município Histórico e Artístico
Brasil, que conta, como o
nto do Livro, quase o mes-
mo número de días que o Es-
tadual, estabelece bem
lentivo. Os mais entusias-
ados de arte interveem-vos a
a — e mais que a glória,
ano Jubilé — de haver os
quem pende para sempre
cipar o Ouro Preto na
ciência e salvar dos in-
s do tempo e da rapina
meritável os igrejas de Mi-
as e as erícóes de Aleijadi-

contrapôs-se, o Rio de Janeiro tornou-se rapidamente feito de uma cidade de encantamento em que todos os atributos de uma organização moderna e modelar se reuniram e articularam para um objectivo grandioso, em que o pulso da administração de artesanalmente condiziu para um resultado de quase ressurreição, que é insuperável na natureza sua natural opulência e avançando sempre «em encontro» se abrem, também com deslumbramento e atração, novas avenidas, na capital das quais — a do Presidente Vargas — se levantara a pedra o monumento de que mereces já trazem no coração agradecida imagem.

ades ao Serviço do Patri-
o, já os ricos e preciosos
nos nacionais sentiram o
influxo, para o culto do
de, que é uma escola do
o. Nas férias do Imperial
máropolis se espalham reli-
das sete primeiras gera-
ções a nacionidade, e um am-
or e sereno em que todo ves-
tido nublado se trans-
forma.

de paixão política se transmitem amor à Pátria, e os
brasileiros e estadistas de então
devem fundir-se com os
contemporâneos. No
caminho do patriotismo
do, que elimina as excrescências
política e culto ao Brasil.

e sentido justo e superior
expressões no tomado dis-
to da Catedral de Petrópolis,
quando, em reverenciamento
aos grandes serviços que o
Imperador prestou ao
Brasil, o Presidente da República
estacou o tumulo imperial
e agradeceu-lhe respeito
eterno. Honraram bem
os dias Cheles da Nação
que todo por ela fez e o
tunica a morte desprendeu
de proclaimar diante as
virtudes e os meritíssimos
pondo de lado desonesto
que fizera para o povo e
o eterno bem de servir
o Brasil.

ndika seja, para a votação
da inauguração Arma e
certas cristas de vegeta-
ção e redução permanente,
efetivamente calmas con-
tra um como poderoso
e dominante ultraje das flu-
entes de opinião pública, su-
bito a tudo, consumo e
leito, "um pouco de ame-
nidade", balisando com
ela os bons impérios hu-
manos. Amar e servir a sua
Pátria é suavemente, sem
que se exponha os objetivos
brasileiros.

liso mesmo, von secula
m, na tarde recente na
guarda do Museu de Pe-
dras, as gravuras dos jor-
nadas a figura do Presi-
dente da Republica e priorita-
tive um fundo em que re-
obra a bandeira do impe-
reio a voce natural to-
riva, que todo compreende-
faz desse benevolo confe-
rimento um libro que seem-
pre restaura amizades e lu-
cra concerto em bene-
ficio geral. Atribuem-vos este
ano, cuja exatidão não
posso verificar, porque de-
se o nome por autoridade
trope inimigo, que ame-
nha possa vir a ser meu
". Desse generoso aman-
go após doceiro o episodio
secessor: "O Governo
deve tentar de utilizar medi-
cooperacionais enquanto
possa, a manutenção da or-
dem na defesa dos interesses
sociais. Aplicando-as, não
devem abrigar odios nem
de vingança, sentimentos
negativos e contários
à finalidade constitucional
do governo, e, por
tanto, impessoal e leal de
s. Cumpre exercer a so-
nadeza ag lutas e dissiden-
cias, quase sempre existentes,
entre presentes os inten-
sionistas da Pátria".

mes dar-vos-lam, além do
ao jornalismo, a perfeição
apres de sua limitação
na vida de minha na-
ção. Jornal é o visitante que,
quintal e à tarde, nos traz
notícias novas e co-
muns; pode estar
em harmonia ou em desacordo
com sentir nosso; mais, a mi-
nha adversário, nunca nos se-
disidentes suas palavras
importância a ninguém
despercebida e menos
a quem, depois de haver
jornalista, e chefe de uma
A Imprensa vem alram-
permanentemente vocos
dos, e a sia facilmente os
espirituais e materiais
guardarão a dignidade da
o ditatorial as vistos das
írias servir - a casa on-
reune moj jornalistas, a
onde jornalistas se for-
am. Vossa amparo tornou
esse milagre de grande-
de conforto e assistên-
cia é hoje a Associação
de Imprensa, e fui a
fundar o Curso de Jornalism
enquadrado no plano su-
de uma Faculdade de Pi-

o amor à imprensa iria manifestar-se por um ter grande ato: Incluieste o abalhador no quadro propriedade a todos os obreiros sua criação & sem dúvida de vossos máximos bo-

petições à Nação. Três milhões de trabalhadores, proclamou, há pouco, um de vossos Ministros, viram seus direitos reconhecidos, esgotaram-se ante o Poder Estadual, e nove milhões de brasileiros já se aconchegam sob as leis da previdência social. Tais grandiosas obras que a voz soletânea político engendrou como base da paz social que hoje o Brasil difunde. Não está aqui o gêmeo de iúta de classes, agora entrosadas num tema de harmonia e solidariedade. Tais porque o intelectual de certo preceguamente político, além de tudo contrapõe, não um coragem que não chega, mas uma capacidade para agir em combinações de concordia e pragmatismo.

Procurava, uma humanidade que não se dilacerasse e se ralasse, aspirativas e temerárias, um mundo onde a tolerância deixasse se as amizades dos antagonismos e a magnanimidade apagasse ressaibos de lutas. Nesse bonito sentido tem invariavelmente agido o homem que, para suavizar a pratica política, modicou a geometria de Eucides: neste, a menor distância entre dois pontos é a linha reta; a geometria gebuliana, porém, proclama como axioma que "o caminho mais curto entre dois pontos está na remoção castelos dos embarcos".

Mar de rosas, o caminho percorrido? Puls sim... Dos rectos dessa preciosissima rota navegarante águia já se levou. Ao contrario, os obstáculos saltam de trete, as vezes de manha a noite, e, quando não os lhe inventarem-se. O bote é na Vila, o anexo ente que não dorme. As vezes, muitas raras, ele tem rancor. A crise, sehoras de muitas lutas, rata frenendo... O momento de regalo do bote. Cada um da sua solenes, e o Catec calado, mudo e quieto. E o homem da razão o traçador, de-boamento, sem mestura de malícia, surrado, como quem confia: "Vamos ver o Getúlio se sai desse". Dias depois, o Presidente, despreocupadamente, está jogando "golf" no Ipanema; mas, antes de acertar nos buracos do campo, já acertara no caso difícil — que era, também, um "buraco". A cidade passa a dormir tranquilamente.

Instituiu um Tribunal de Segurança porque, é claro, crimes não podem ficar impunes. Onde, porém, o instalações? numa fortaleza? num corredor? cercando-o da garantia do isolamento e da proteção das metralhadoras? Nada disso. Foi localizado numa escola de bairro residencial, bem à vista de frequentadíssima passagem, por sinal, à sombra amena de formosos oitis e "feias benjamines" da Linda Avenida Osvaldo Cruz, cujo nome evoca o saudoso patriota que também aqui se sentiu. Nem pusesse a dirigir — a comandar-lo — uma figura maioria de catadora tão amareadora como a espada que cinge; no contrario, entregassem a sua formação à magistratura afeta a aplicação da justica ordinária e tão própria para serenamente resolver sobre a sorte dos acusados. São cuidados que, enfretando, não surpreendem quando tomados pelo estadista que, logo ao assumir o governo revolucionário, decretou a limitação dos seus próprios poderes.

E a Justica, em geral, da nossa terra? Como vos apreciam os Juizes? como interpretam as vossas atitudes no que tangem todo o Poder Judiciário? E' óbvio que o fundador da Justica Social no país devesse dedicar particular cuidado à Justica integral pela qual moldou a sua mentalidade jurídica. Ninguém me perdoaria que, neste momento de tanta magnitude, eu não tivesse uma resposta a dar a tais perguntais, em honra a essa Justica das minhas grandes e profundas saudades.

Numa palavra, um só episó-

dio dirá tudo, sem dificuldade de interpretações esdruzas. Certe vez, neste novo regime de tantas soluções acertadas, o Supremo Tribunal Federal resolve convidar o Ministro da Justiça para uma sessão especial, de máxima solenidade: é um ato de recepção, altamente significativo. Falou o Presidente e o Secretário de Estado Trocam-se discursos laudatórios. As orações são convergentes, plena e harmonia. O Ministro proclama que a Constituição "reconteria ao Supremo Tribunal poderes de Governo". O Presidente atual, lugado, no painel da Justiça Federal, diz que é chefe supremo declarar-se "confiando em poder verificar a rectitude de suas competências sociais e jurídicas" — sua expressão textual.

Mais ainda. Os tribunais de apelação não fogem a esses propósitos. Seus presidentes, reunidos neste Capital em memorable conferência, prestam homenagem à Presidência da República. O Tribunal de Apelação desta Capital recebe entre aplausos o Chefe de Estado e inaugura-lhe em formato grande retrato com esta legenda sumamente significativa: "Homenagem da Justiça da Distrito Federal". O nobre e venerável Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, o deodatado e precioso companheiro de todos os tempos da vida da nossa Juadea, contratemizando nos triunfos conquistados na sua augusta missão, também vos conferiu a maior distinção de que dispõe — membro da honra da altíssima corporação. Possui assim e já vos foi entregue com solennidade a condecoração do Centenário.

Sera preciso dizer mais. Señor Getúlio Vargas, para vosso conforto!

O anel de bacharel em direito, que traz gravada a boina da Justica, vos o conquistastes pelo estudo; mas a natureza da vos deixa ao nascere, a balança do bom senso, em que pesais tudo. Bom senso e instinto do orden valem como o centro de gravidade de vossa personalidade, ainda favorecida pela calma, que permite o máximo aproveitamento das vantagens do tempo; possuis o dom de saber esperar. O peso em sua pitoresca inventiva atribue-vos uma regra de conduta, que nem por career de autenticidade, encerra menos de práctico: "Deixa estar como está, para ver como fica". A possedessas preciosas qualidades de ponderação e determinação oportunamente permite-vos surpreendente segurança no agir e confluencia na ação.

A vossa calma habitual! Bem ressalta esse forte traço pessoal um episódio sobre o qual solicitei, por carta, o testemunho de Don Ramon Cárcano, o eminentíssimo escritor que toda a América festiga, figura altamente representativa de sua nobre pátria, espírito fulgorante que está Academia se afana de contar entre os seus membros estrangeiros que depõe: "que ele é o autor de 'A Nova Política do Brasil'. Ai está o autor a justificare a Academia. Precisou este pobre orador de reduzir a extrato concentrado a imensa e substancial massa do assunto, para a servir num comprimido, que alias, por imperícia sua, manipulador receta possa ter efeito hipnótico.

Seja-lhe, porém, permitido

que a suprema gentileza me envie os originais do livro citado ainda no prelo, "Meus primeiros olentos anos", onde aquele ex-embaixador da República Argentina em nosso país atude ao jantar realizado na Embaixada, certa noite, em que o anfitrião chegou a acreditar que o convidado Getúlio Vargas não viesse, mesmo porque — havia motivos para crer — não poderia vir. Certo o banquete lhe fora oferecido oportunamente, e ele o aceitara. Ora, palavra do Presidente da República é como a provetbial palavra de Rei. Mas, entre a aceitação e o banquete ocorreu algo extraordinário: precisamente na manhã do dia fixado para o festim vier a luz o Estado Novo — nascimento que foi uma gural surpresa, o que entre tanto, não significa



Alcântara Machado, o diário escritor paulista, autor de "A Vida e a Morte do Bandeirante". Em sua vaga, entrou o sr. Getúlio Vargas para a Academia Brasileira de Letras.

anfitrião justificava de antemão como de força maior a não comparecência de um convidado em tão especial situação.

Entretanto, continua a narrar a hora marcada chegaram o Presidente e sua família, sem nenhuma guarda nem qualquer vizinhança. O Presidente cumprimentou-me e diz-me sorrindo: — "Os brasileiros sabem cumprir as promessas" — Ainda que haja mau tempo — retorquia o Embaixador aparentemente referindo-se a chuva que cai, mas intimamente, como se, em vez de mau tempo, dissesse "tempo quente". A reflexão correu sinceramente: "No Presidente assassinaria o narrador" não se nota nenhum cansaço nem preenquista". E o Presidente permaneceu na Embaixada Argentina quatro horas da primeira noite do Estado Novo — despreocupadamente, insistiu em referir o seu atilado observador rematando: — "Eu estava surpreendido". E tinha de que...

Mas, Senhores, a hora passa, já quase passou, e todavia, restam lantos coisas a focalizar — essenciais no inventário público a que a Academia se entrega nestes discursos com que deve fundamentar uma nova escolha. Já não posso nem sumariamente comentar o que falta, e assim mais uma vez tenho de lembrar a leitura dos nove volumes de "A Nova Política do Brasil". Ai está o autor a justificare a Academia. Precisou este pobre orador de reduzir a extrato concentrado a imensa e substancial massa do assunto, para a servir num comprimido, que alias, por imperícia sua, manipulador receta possa ter efeito hipnótico.

Seja-lhe, porém, permitido

que a suprema gentileza me envie os originais do livro citado ainda no prelo, "Meus primeiros olentos anos", onde aquele ex-embaixador da República Argentina em nosso país atude ao jantar realizado na Embaixada, certa noite, em que o anfitrião chegou a acreditar que o convidado Getúlio Vargas não viesse, mesmo porque — havia motivos para crer — não poderia vir. Certo o banquete lhe fora oferecido oportunamente, e ele o aceitara. Ora, palavra do Presidente da República é como a provetbial palavra de Rei. Mas, entre a aceitação e o banquete ocorreu algo extraordinário: precisamente na manhã do dia fixado para o festim vier a luz o Estado Novo — nascimento que foi uma gural surpresa, o que entre tanto, não significa

que essas flores ainda lá se encontram, como a expressão da saudade brasileira. É simbolo também de uma política: orgulha, flor sem espinhos.

Vosso feito pessoal, tem acentuado, como a todo grande homem político, extenso andarão, sempre renovado, significativo índice de avos a admiração, permanente, invejável popularidade. E' de notar que em todas essas histórias acabas vencedor: sois a figura do bom éxito; quando ele vos bate na porta, o povo diz: — "Qual o Presidente tem mesmo estrela!" Mas, afinal, que é ter estrela? Aca o deitai se me redigir agradar que a estrela se erga, radiosa e benfica, iluminando o caminho de sucesso? Abra o bre de quem assim duplamente se embalasse — na rede da ilusão! Não ter estrela é conceber um plano, meditá-lo, ter forças para perseverar, ter confiança e paciência para esperar seus resultados.

Eis o vosso segredo. Não gostais de precipitar, não abandonais em meio os empreendimentos. E, quanto a aguardar pacientemente os resultados, sóis o mestre que passa por vós descoberto o processo de "roçar em água fria..." Se existe a lendária estrela dos grandes triunfos pessoais, ela está dentro do próprio contemplado com esse conjunto de dois condutores do esforço — do esforço sem o qual a estrela não se erguerá, continuando deitada como o fatalista preguiçoso que espera na rede que ela veia brilhar. Vós, no contrario, espereis aquilo que vos mesmo preparastes com previdência e calma, não vos anteviássemos acontecimentos, porque de antemão sabes como virão; aí, logo vosso assentuareis a dimíngua que, circulando na planície de um dia, necessariamente, adumbrará o fruto. E, assim, subeis colhê-lo nas melhores condições — sem o magar que vos maguardes. Um tal espírito, só, considerando o possível sempre dentro da realidade, há de, sem dúvida, acertar. Vosso continue bom êxito não precisa encontrar explicação fora de vos mesmo. Por isto, vossa vida é uma lição. "Professor de presidentes", chamou-vos, há pouco, um Chefe de Estado sul-americano.

Vou concluir. Sois, de fato, o alvo vivo e penetrante do nosso destino nacional. Jamais vistastes das graças protetoras e da remissão de culpas — simbolos encantadores que são, da alegria, da florura, da harmonia, do excedor de beleza ornamental entre os magníficos guias de nacionalidades. Atisou a palavrão e da pena no ofício, cultor da discrição, escravo da simplicidade, a Academia, que vos elegeu num transparecimento de franca satisfação, agora vos recebe com verdadeiro júbilo. Foi sob a élide do vosso governo, eminentemente produtivo, que viveram alegria e realidade, o munitas e variadas das nossas aspirações; foi ele que, consciente, criou, corporificou e levou a cabo um bom sistema acutando o florescimento da vida cultural, do país, no tocante à ciência, às artes e, particularmente, no que interessa à literatura; e que, ao calor da luta do habilissimo artifice de sua finalidade, fez a existência do Brasil assumir mais linda e mais festejada.

Eis porque, de ânimo calmo e refletido, me sinto a vontade para saudar, neste augusto momento de tanta elevação de cotações, o recipiendario de excepcional relevo, que, seu se deixar obliterar pelas atividades governamentais, timbren em mante e cultivar os seus pensadores literários, na mais perfeita coparticipação dos objectivos culturais, fazendo resplandecer engenho e arte em prol da honra e da soberania da Nação, mantendo cada vez mais

O texto do discurso pronunciado pelo sr. Menotti Del Picchia é o seguinte:

"Elevando-me à esta culminância, preciso sentir a exaustão de uma longa caminhada. De onde vim para chegar até aqui? Que asperos caminhos internos rasguei, pisando vivos pedaços da alma, para não faltar a este encontro marcado a mim mesmo num puro sonho de mocidade quando a supérflua academia era o prometido quinhão de glória destinado a coroar essa dedicação integral às rousas do espírito num esforço que adivinhava ser longo e ser rude?

Impôs-se o moco que tal se prometia não levando em conta a desproporção da recompensa diante da insignificância de suas possibilidades. Tinha, porém, a desculpa, a prece de intuição da vossa generosidade.

Vos, heróicos caminhantes de peregrinações anteriores, vistes esperar-me nesta cunhada. Brilha nela o sol da imortalidade. E aqui a zona neutra do espírito na qual os mortos estão vivos porque mortos e vivos realizam o milagre terrestre da presença perene dentro das suas criaturas de arte. Penetro, finalmente, no sentido da vossa "imortalidade". Ela existe em função da vossa constância, que é soma de crença de trabalho e de criação e, depois, sucessiva substituição de alma por alma quando um corpo exausto a devolve à perenidade das memórias e o outro corpo a recebe como o arco-íris intacto responde, do que se extingue, a alegria festiva da chama!

RESGATE DE UMA DIVIDA

A glória desta Academia me reconduzi a um ensolarado trecho de juventude, na Itálica dos céus inconfundível, com seu parque suspenso como um jardim babilônico sobre as escarpas da Cubatão, mirante destinado a mostrar as cambalhotas líquidas de que é capaz o Rio do Peixe, as tonalidades verdes que enriquecem a variedade e a fascinação nómada dos acampamentos dos ciganos Agita tudo isso — memórias de homens e desenhos de paisagens — uma tão espessa rajada de ilusão e de saudade que traz nas suas asas a música ingênuas das estrofes dos "Poemas do Vício e da Virtude", balbúcio inaugural de minha descolorida aventura literária, livro de estreia que Souza Bandeira parabenizou.

Eu me lembro de duas mãos tremulas rasgando um envelope que possuía algo de terrível e de mágico; a chancela desta

O Discurso de Menotti Del Picchia

casa. Lembro-me da letra firme do mestre inquieto, letra que um grafólogo catalogaria entre as dos homens mais e sem mistério: do palpitar lento do coração daquele rapaz de dezenove anos depois de ter sido inspirado prefácio. Quem diria que a esse rapaz poeta provinciano, fôr dado, no seu cheopuculo, atingir esta altitude, não para vangloriar-se nela, mas para lembrar como foi generoso para com a mocidade aquele companheiro morto. Quis apenas registrar velha divisa reverenciando com esta referência pessoal na porta da Academia, a sombra amiga daquelle que me abriu as portas das lettras.

DEMOCRACIA ESPIRITUAL

Senhores acadêmicos. Aqui estou, um pouco ofegante, porque a subida, e, no fundo, uma canseira. Não tenho ainda prática deste Olimpo de deuses terrenos nem pode respirar com fartura esse clima de imortalidade. Por maluco, porém, mais que por experiência, posso imaginar que nos é dado aqui, com mais serenidade, embora não sem melancolia, avançar melhor todo o passado esforço. Não há como conduzir validade para esse auto-ajuste de contas, uma vez que já se entra por aquela quadra da vida em que as primeiras sombras da tarde, sentindo as primeiras trevas da noite, tiram ao contorno das paixões suas pontas mais agudas. E' condição humana chorar sobre o próprio sucesso. Esse tributo de agridores que a emotividade prestou à própria glória, tem a força de um símbolo: é a contrapartida de angústia, de drama ou de decepção, que custa a todo homem qualquer forma de realização de si mesmo.

Para mim, a maior dor neste instante tão decisivo para minha vida é não ter o meu palo a meu lado. Eu poderia evocar, neste momento, sua timida figura de imigrante. Ele está morto. A terra brasileira tem agora seu corpo como teve, antes, a sua alma. Essa evocação não seria uma festa íntima de memórias: seria uma tese, a tese da democracia brasileira, democracia que é simbiose de raças, fraternidade humana, solidariedade das criaturas de todos os quadrantes do mundo na terra mais livre do universo.

Eu imaginaria o navio chegando, ali por volta de 87, atraçando no cais de Santos, num porto fumegante de cargueiros alinhados em trapiches de lâbuas e ainda sem o milagre

profíctico de Emílio Ribas e Osvaldo Cruz, não sonhando com o esplendor orgânico e cosmopolita dos casulos e tendo a barrar o céu a sombra verde e impressionante dos contrastes da Serra do Mar, nos quais parece entrelaçar-se o planalto contra a repelidão suave da multidão das múltiplas entradas.

Seria uma criatura assustadiça e espetacular, tomada de pânico diante da terra-enigma, com o complexo do expatriado na alma, com a timidez do metrônomo nos olhos, com uma alerta reação de defesa em cada ângulo do espírito. Seu drama seria igual ao de centenas de milhares de criaturas desrualadas dos seus lares pela necessidade, pela inadaptação de seus espíritos libertários dentro de velhas civilizações estagnadas ou reactionárias ou por uma inquieta e fecunda sede de aventuras e de panoramas.

A causa não importa. Importa é a consequência. A consequência, na generalidade, é isto: uma paga de muita amor à terra que lheu seu guarda-paga de amor que por mistério hereditariedade, se torna mais violenta na progenie.

Lembrei toda esta história para explicar a carga de paixão pelo meu país que ficou no meu espírito e que palpita em todas as pobres páginas que escrevi em verso e em prosa. Meu incandescente nacionalismo talvez tenha sua razão subconsciente numa gratidão ancestral pela terra farta e rica que não se trançou esquia ou egoísta, ao forasteiro que veio de longe, galopando nas ondas do mar, à procura de uma pátria nova. Não ignoro que, num país que tem pouco mais do que quatrocentos anos, todas as famílias podem guardar o nome de navio que conduziu de algum oceano os seus antepassados. A gloriosa aventura cabralina ainda se assimila num calendário contemporâneo. Há nos Perales e Albuquerques, nos Cavalcantis e nos Dórlas, nos Wandering e nos Cochrane, o longínquo solaque luso, italiano, holandês ou britânico, que seus heróicos progenitores trouxeram dos rincões nativos. E' justo, entretanto, que os que não tem, no mesmo Estado que nos serviu de berço, os "quatrocentos anos" de planalto que ilustraram o brasão patrício de gloriosas vergonhas bandeirantes, mas sentem no corpo e na alma aquela funda solidariedade humana que vem de alguns milhões de séculos de convivência dentro das mais tremendas vicissitudes da história, que, ao lembrarem da gasalhada oferecida aos peregrinos de outras plagas, tenham orgulho de pertencer a uma pátria assim generosa e assim livre. Essa é a alma das Américas! Esse é o exemplo humanitário das Américas! Esse é um título de honra e de glória para o Brasil.

E' por isso que amamos e adoramos este Brasil, pátria de todas as liberdades, matriz viva da democracia concebida na mais pura, mais vasta e mais humana das suas formas: a fraternidade, isto é, a união, a solidariedade e a cooperação das criaturas numa comunhão na qual foram eliminados todos os preconceitos que dividem os homens. Aqui Sem Cam e Jafet não trancam as entradas das suas tendas neste colorido acampamento para que aqua filhos se cruzem, operando-se assim o mais belo amálgama ético da história. Aqui, realizando a admirável imagem de Alberto Torres, o mito de Babel se inverte para operar-se não a confusão, mas a fusão das línguas. Aqui os deuses de todos os céus do mundo astêm das suas catedrais, sinagogas, templos e mesquitas para se confrontarem na sublime essência de um

entes como vozes do alto, fazendo a elicição do estadista que restabeleceu o ensino religioso nas escolas, para que as novas gerações tenham bem presente que só as virtudes cristãs asseguram a vitória aos indivíduos e às nações — como vos aconteceu na vida e vai igualmente suceder ao nosso amado Brasil, graças à política sabia e humana que nos fez combatentes nesta guerra, justificada pela transcendência de uma luta salvação da humanidade.

E, no dia em que raiar, a aurora de triunfo e redenção, que majestoso "Te Deum" elevará ao Céu, com o incenso dos turíbulos, o vosso nome, entre as honras do reconhecimento nacional! A Academia exultará, replicarão sinos, subirão girândolas, e os corações brasileiros elevar-se-ão com a vitória do Bem e do Direito num mundo para cuja reconstrução soubeis falar um povo grande e generoso, a que proporcionastes a honra de cooperar diretamente ao maior movimento de libertação já registrado na História e na mais profunda reação da conciência universal.

Unidas as fortes alianças tradicionais das nossas províncias políticas e espalhando, ao mesmo passo, servido pela brilhante vigilância de nossa Chancelaria, permes harmonios pelo largo âmbito da confraternização continental.

Do alto de seu púlpito de ouro exaltaria Mont'Averne: "eis os feitos que dão fama duradoura, que imortalizam; são os soberanos troféus que perpetuam na posteridade as orações e o rincône".

A incorporação de um tal valioso intelectual à Academia é ao mesmo tempo consagradora dos seus méritos e de nossa capacidade de escolher. Bem significativo parece-me o haverdes recebido a notícia de vossa eleição acadêmica no espírito de uma catedral, onde solemniza "Te Deum" exaltava a presença presidencial nos "confins ocidentais", lá pela risomia Culumba, a terra dos palmares. Um exótico vé na circunstância mais do que uma coincidência — um designio divino; e o repike dos atos teria ecoado aos ouvidos dos tran-

scionizado dentro de um excesso de objetividade, que traz como consequência, tal qual observa Thibaudel, com relação a Voltaire, "um canso de idéias erráticas", teve nesse instante que procurar nutri-lo de ilusão. Todo nosso esforço tem consistido em desvendar nesses escombros do mundo que nós mesmos ajudamos a desvendar e nos vagos impérios da Era Nova que nasce num monstroso paro de sangue, a sua intima e prodigiosa poesia. De fato. Pensando bem, nunca foi • pensando — esse mundo esque-matizado pelo técnico e planificado pelo cientificismo — mais terra e enigmaticamente poético no seu estatulismo dramático. Superarmos. Erguendo. Reinventando. O velho de Faustos. Não há nada que contenha mais subtil humana poesia que o Apocalipse. A época é nitidamente apocalíptica. Há um sentido oculto em todo o desastre pavoxoso de eventos. Veremos arcanjos nos céus torcendo as trombetas das anunciações. Não serão anjos de cinema: serão as potestadas das profecias, forças concretas do destino guardando sua hora num drame de mundo ainda não desvastado pelos instrumentos científicos.

O DRAMA DE UMA GERAÇÃO

A minha geração foi dado um triste lugar no mundo. Surgiu ela para a conciência social no instante dramático em que a estrutura de um ciclo histórico rompe-se mitre da revolução da técnica. A arte — que é uma constante sondagem do espírito em todos os setores da atividade humana — denunciou essa quebra de ritmo antes que a ordem burguesa tivesse conciência do catástrofe. Fomos bruscamente atraídos para a zona vulcânica de terríveis reajustamentos. Nessa fase, que implina na quebra de velhos quadros políticos, estéticos e sociais, e que aos artistas procurar os novos rumos.

E' natural que tenhamos cometido muitos erros. Rasgar caminhos no desconhecido é, possivelmente, tomar atalhos que desbordam no absurdo, mas ninguém negará bravura a essa caminhada, conduzida ela de verdades do futuro ou aos erros do momento.

Nossa luta consistiu em alargar o campo das nossas liberdades cada vez mais comprimido pelo próprio gênio criador da humanidade. No setor da economia, assistimos ao gigantesco desenvolvimento da máquina e ao subsequente antagonismo entre a máquina e o homem e ao crescente verticalismo pluto-crático em oposição ao crescente horizontalismo da miséria. Sedentos de justiça social, batemo-nos por uma mais intensa democratização das massas num sentido efetivo e largo, o que importava em povoar de alguns pesadelos a letargia noite da burguesia.

Como se vê, as descobertas da técnica não ajustada à ordem social implicam em novas formas políticas. Por outro lado, essa mesma técnica no campo espiritual, torna-se uma prisão e uma limitação. Encurtando as distâncias, enculta o mundo. Explicando os mistérios, esvazia-o de toda magia. Esteriliza e limita. O desconhecido fol sempre uma área de infinito disponível à imaginação do homem para a realização da sua plenitude dentro do domínio plástico e sedativo do fantástico. A ciência, ao tempo que amplia o domínio dos conhecimentos, reduz a uma realidade sem margem de mistério um pobre mundo positivo e explicado. Dentro da sua aridez racionalista somente poderia surgir uma geração cética ou revoltada, se não tivesse ela a virtude de ter sido revolucionária e heroica. E' que o trabalho de redução de um superero estilo de vida impõe no aniquilamento de todo um sistema de idéias, de processos e de formas pertencentes a um caro e doméstico quadro de valores morais, políticos, estéticos e sociais que é mister recompôr.

Dianto desse novo mundo ra-

cionizado dentro de um excesso de objetividade, que traz como consequência, tal qual observa Thibaudel, com relação a Voltaire, "um canso de idéias erráticas", teve nesse instante que procurar nutri-lo de ilusão. Todo nosso esforço tem consistido em desvendar nesses escombros do mundo que nós mesmos ajudamos a desvendar e nos vagos impérios da Era Nova que nasce num monstroso paro de sangue, a sua intima e prodigiosa poesia. De fato. Pensando bem, nunca foi • pensando — esse mundo esque-matizado pelo técnico e planificado pelo cientificismo — mais terra e enigmaticamente poético no seu estatulismo dramático. Superarmos. Erguendo. Reinventando. O velho de Faustos. Não há nada que contenha mais subtil humana poesia que o Apocalipse. A época é nitidamente apocalíptica. Há um sentido oculto em todo o desastre pavoxoso de eventos. Veremos arcanjos nos céus torcendo as trombetas das anunciações. Não serão anjos de cinema: serão as potestadas das profecias, forças concretas do destino guardando sua hora num drame de mundo ainda não desvastado pelos instrumentos científicos.

Procuramos recrutar o universo em poesia. Na ordem econômica, encontramos a poesia das revindicações sociais, poesia de massa, largo coral prodigioso de solidariedade humana. Na ordem política, pusemos em campo todas as pesquisas numas inquieta e leveda procura de mais equitativas e mais livres processos de convivência, procurando si a poesia da cooperação e da camaradagem. Na ordem estética, querímos os velhos moldes rigidos em que o verso, com o coral, se calcinava na parada monótona do desenho duro e exterior. Transpusemos as fronteiras do sub-consciente e do supra-real, incorporando uma vasta área de pura sensibilidade e de valores mágicos ao patrimônio anterior, criando assim novas possibilidades e novos ritmos. Esse trabalho ossudo renovador teve seu ponto de partida na revolução modernista de 1922, data expressiva por assinalar o primeiro centenário da nossa Independência política e por tornar-se um marco divisor de duas épocas astinaladas por suas mentalidades.

Sinto orgulho por ter pertencido a esse pelotão de vanguarda na revolução do pensamento brasileiro. Disse "pensamento brasileiro" no seu sentido universal, porque, dentre vós, Cásio Ricardo — que foi com outros acadêmicos, nosso companheiro — enquadrando-se na falange revolucionária, que já se rebelara contra o regime estatístico reinante, declarou, em oração que ficou famosa em meu Estado: "Esta revolução não se restringe aos arraialos da arte: ela atingirá, sobretudo estrutura política". E podíamos acreditar mais tarde; ela marcha frontalmente para o campo social.

Lá estão, na atormentada história da elaboração do pensamento novo, nas idéias dos seus grupos e na movimentação polêmica das suas dissidências, os germes de todos os caminhos e descaminhos ofertados como hipótese de solução a este momento crucial da pátria. Uma fecunda angústia nutriu-as de certa ou errada vocação profética no sobre intuito de querer antecipar para o nosso povo a forma social do seu amanhã, procurando entrever ainda na sua matriz confusa e hoje sangrenta, as linhas que marcarão o perfil da Era Nova.

MEUS NOMES TUTELARES

Senhores acadêmicos. Três nomes estelares debruçam-se em contemplações sobre a cadeira que vossa generosidade me destinou: Manuel Antônio de Almeida, Inglês de Souza e Xavier Marques. Sobre esse estrelado vai abrigar-se um

emnalidade dentro de um exhalado da terra dos cafeeiros. Tudo faltou ao substituto: o "humor" do primeiro, a paixão de magia em que viveu o segundo e o clarão solar que iluminou o terceiro.

Sentindo-me, porém, na poltrona verde, o primeiro dos seus patronos me impõe logo sua presença de mestre. E com ele que devemos aprender como se faz um romance brasileiro. Manuel Antônio de Almeida — com as "Memórias de um sargento de milícias" — é carta de hoje. Xavier Marques só registra a estranha força dessa obra que varia um século e se reactualiza como se escrevesse romancista de agora, observa: "Sainos-nos à pintura de Manuel de Almeida tão viva e tão natural que a crítica de hoje, apesar de nosso vigoroso rigorismo em arte, de boamente lhe revelou o desalinho da frase e a inconsciência da forma, tendo por excelentes compensações a veracidade e a fidelidade com que foram reconstituídas as figuras corriqueiras da velha sociedade carioca".

Naquilo que o mestre baiano reladamente censura, talvez restando o segredo da atualidade surpreendente do novelista carioca, "Naturalidade não expedição" — segundo Silvio Romero — vivem no diálogo e nas cenas descritivas, "nacionalismo do asunto e das cores do quadro". Eis onde queria chegar: aos ingredientes substanciais que dão a um romance brasileiro seu verdadeiro corpo e alma; "nacionalismo e naturalidade". Nacionalismo é marca especial destinada a localizar uma obra dentro de uma zona de história, naturalidade, e sua imersão na verdade humana, limpa do peso do intelectualismo. A obra de arte populariza-se tanto mais quanto mais tenha naturalidade. De outra parte, universaliza-se tanto mais quanto mais exprima nacionalidade. Torna-se, dessa maneira, documento vivo, isto é, parcela original de um processo humano a somar-se ao acervo universal da cultura, com contribuição inédita da expressão vital de um povo em dado instante da sua história.

Se Manuel Antônio de Almeida era, através das suas criações, um mestre de boa bravadeira, não menos o foram Ingles de Souza e Xavier Marques. Pedaços vivos de Brasil os três romancistas ilharam nos seus livros: a capital do império na pitoresca fase colonial, o fabuloso cenário da Amazônia e a Baía sempre tão variada e tão rica de módulos de vida nacional.

Seus temas são os da terra e do homem e seus problemas são os da nossa comunidade. Seus personagens não ficam com os pés no Brasil e a cabeça na Europa. O destino de Leonardo, o futuro "sargento de milícias" e drama do padre Antônio de Moraes do "Seminarista" e a evolução de Nazário, em "As voltas do caminho", são três posições do homem brasileiro dentro de três ambientes完全不同e: nossos. Na capital enolarada e alegre, é a movimentação jovial de uma plebe pitoresca, tangida às vezes pelo bengala do Vidal, mas sempre do prazer ingênuo de aspirar se em torno dos andares do Espírito Santo ou de cheirar a pólvora quimizada das fogos de artifício no Campo dos Ciganos. Na dramática Amazônia, é o paixão e o silêncio do homem diante do obscuro drama de um mundo larval, teste consumbrado e verde da oficina da Cracau, que talvez um Deodálio ou expusso pelas máquinas houvesse abandonado ou esquecido e na qual ainda se pode acompanhar a fantástica gestação de monstros vegetais e animais, que rompem da vida como de um ventre aponéptico. Na Baía, mãe do Brasil, são suas mares e suas ilhas, suas cidades e suas aldeias, com seus tipos e seus costumes.

XAVIER MARQUES

Xavier Marques foi um dos preparadores e anuviadores da minha geração. Sutilmente apresentou o drama mundial, porque sua inteligência era arquitetonicamente política. E' verdade que todo o homem de lettras, que dispõe de algum gênio, possue, por função, um conhecimento universal, pois a própria obra de literatura é uma sondagem no corpo vivo da sociedade. Há mais "sociologia" na "Comédia Humana" de Balzac, que no ingênuo rigor científico de obras que, na sua época, tentavam estudar a conduta dos homens e fixar suas leis. O mundo da decadência romana está todo na prosa jornalística de Luciano. A "Divina Comédia", é globalmente a Itália política, jurídica, religiosa e social da aurora do renascimento. O escritor antecipa o sociólogo. A força do vaticínio que se atribuiu ao "vatum" não é mais que rigorosa e utilíssima pesquisa. O artista é a vanguarda social. Peneta nos problemas atuais que a ciência os analise. Descreve, pois, por antecipação. E' por isso que se lhe atribuiu a faculdade de aparentemente "adivinhar", quando apenas o que ele faz é "saber antes", e o que nele é merecida é de conhecimento e irrequieza curiosidade, torna-se, para o vulgo, dom mágico de adivinhação.

Permita, porém, que antes de falar sobre o vidente, destaque meu canto de muito amor à Baía... Nossa pátria está desde o dia do seu nascimento impregnada de Baía e meus olhos como eu, juntamente se destacaram das comportadas garças do Planalto, viram em imaginação, ardendo sob o clarão solar e jovial da Baía, da Baía que é "o berço da terra", que é a Belém americana onde tornou a nascer Jesus, o Jesus creoulo e pitoresco dos andores municipais. A Baía, colorida farandula de raças, quando do mundo onde marcaram encontro "o índio e o negro da África, o corsário bretão e o fidalgio espanhol, o marinheiro batavo e o soldado flamengo, o cigano bargante e o judeu mercador, o coimbra português e o mestizo brasileiro"; os arcabuzeiros de Melit e os capitães da "Ronda", de Rembrant". Baía! Não posso evocar essas três silabas que sombram trés notas musicais, sem lhes jurar a cadência de um ritmo um ritmo agudo e intocado, fundamental na marcação harmônica do que há em existência de mais brasileiro. Baía! Não posso ouvir tal nome sem me guiar à memória de tantos contadores, entre os relâmpagos das imprecavações, entre chibatadas verbais que zuniam mais a carne espinhola da e sanguenta do escravo, mas a bochecha parda e desfida do traficante de negros. Baía! Baía de mulices ineríveis, que morrem pelo Brasil com sonhos de sabugão morrer, pretos de pólvora, queimados do sol da África e das gelas da Rússia, por seu ídolo e seu imperador, os soldados da Velha Guarda; mulheres que a morte condecora com a medalha de "aqueles duas feridas, mulheres que lum-

bam com o crucifixo no peito como Joana Angélica, ou como a rrito na mão, como Maria Quitéria. Meu cívismo, Baía, ergue tribunas políticas no meu sangue. E Rui nelas se debruça a prima, formidável, antecipadora, cheia de advertências e de valências, como um profeta. Baía! Baía dos professores colendos, dos borrascosos ministros imperiais — Cairós, Zarcarias, Saraiás, Cotegipe... —, de uma culinária mais apimentada que a política e de uma política mais ardida que a pimenta. Baía que vi apenas nos orícipes postais, colorida como um presépe, nacional como o verde e amarelo da bandeira, requintada e típica, culta e original, terra do amor e para se amar, terra do bem querer para a gente bem querer... Há em todo o brasileiro amor e orgulho pela Baía, pela Baía que todos estimam, mas que eu amo de maneira mais desinteressada e melhor, como François Rude amava a "Princesa lointaine", o bem que ele não vira, o bem que não vi.

Dessa Baía é Xavier Marques, seu narrador, seu homem de pensamento, seu poeta. Mas Xavier, a meu ver, é uma Baía diferente, mais ativa, menos temperamental.

O NACIONALISTA

O nacionalismo em Xavier Marques não é o xenófobo; é o homem compreensivo do destino humano e social da sua gente e o enamorado de sua terra, a "Pindorama", exposição universal de virgens belas e de inéditas formas de liberdade.

Os fenômenos das raças étnicas preocupam o pensador e alertam o político. Ele sabe que a terra é muita e que o homem é escasso e que o sangue novo da renovada força do velho sangue nativo, tão marcado por generosas e católicas qualidades. Seu orgulho nacional não se fecha no anel egóistico das fronteiras, mas nutre-se desejando que o colonizador e o incautamente criaram dentro dessas fronteiras como largo e democrático sentido americano de vida. Seus principais romances são, no fundo, um debate temático desses problemas, resolvidos sempre por um sentido compreensivo e largo, ficando a humanidade acima dos grupos, a fraternidade acima de quaisquer exclusivismos.

Em "Sargento Pedro" ele estuda a translação, através de complexa mesticagem, do lusitaniano colonizador no novo tipo humano representativo da terra e com este reage, em função desse "espírito da terra", contra o próprio colonizado.

Jackson de Figueiredo, crítico de Xavier Marques, assinala, num estudo, esta observação: "Naqueles trinta e seis capítulos faz-se a história e a psicologia de um dos momentos mais agitados da nossa vida social. Ali está toda a fervura de velhos ódios que se vinham acumulando, os que se vinham acumulando, havia centenas de anos entre o português emigrado para o senhorio da terra que descobriu e conquistara e o brasileiro, sempre do seu sangue, sobre essa terra, que se tornara sangue inimigo e revoltado".

A violenta transmutação de valores sociais, provocada na velha organização agrária pela libertação do negro — mudança na direção das fazendas, queda de uma exausta aristocracia rural, modificação de processos de trabalho — é a tese de "As Voltas da Estrada". As reações dos meios políticos nos vilões feudos urbanos são dura e sangrenta do escravo, mas a bochecha parda e desfida do traficante de negros. Baía!

Se a análise desses movimentos humanos, tão fascinante ao cientista e pensador num campo social como o nosso, onde os elementos estão ainda tão nítidos e vivos como organismos num caldo de laboratório sob a lente do microscópio, foi um dos objetivos principais de Xavier Marques, o resultado dessas amalgamas e a "alma nacional" deles consequentes, li-

zeram o esplendor dos seus maiores pensamentos de sociólogo. Um largo sentido de humanidade, nitidamente americano, ilumina sua concepção de tribunas políticas no meu sangue. E Rui nelas se debruça a prima, formidável, antecipadora, cheia de advertências e de valências, como um profeta. Baía! Baía dos professores colendos, dos borrascosos ministros imperiais — Cairós, Zarcarias, Saraiás, Cotegipe... —, de uma culinária mais apimentada que a política e de uma política mais ardida que a pimenta. Baía que vi apenas nos orícipes postais, colorida como um presépe, nacional como o verde e amarelo da bandeira, requintada e típica, culta e original, terra do amor e para se amar, terra do bem querer... Há em todo o brasileiro amor e orgulho pela Baía, pela Baía que todos estimam, mas que eu amo de maneira mais desinteressada e melhor, como François Rude amava a "Princesa lointaine", o bem que ele não vira, o bem que não vi.

Hoje que combatemos de armas na mão a expressão agressiva dos nacionalismos fechados, dos racismos egocistas e que eliminamos espiritualmente a prevenção de fronteira dos povos no anseio de uma mais vasta interpretação amavel e cultural, o pensamento de Xavier Marques ganha com sua atualidade um forte prestígio.

O PENSADOR

No setor da esterilização das fontes da espiritualidade pelo rigorismo da ciência e da técnica — é ainda Xavier Marques um alarmado precursor da necessária reação espiritualista. Toma ele, instintivamente, a mesma posição lamartinesca quando o criador da "Queda de um anjo" via em Cedar e espírito demônio da dominação da natureza, da pose das suas forças materiais para tirar da utilidade goso e poder. Isto é, desagregação moral e espírito de violência, antecipação profética do drama de 1930. Xavier Marques presente que no incontrado do espiritual querer-se sobrepor o humano do magico; que ao lirismo opõe-se o orgânico irracional; que o sublime e o pratico substituem-se pelo "sentido de necessidade", sempre insatisfeito embora debatendo-se dentro das fronteiras da matéria, excitando a imaginação com a força das alegorias polêmicas, não dando quartel ao espírito que procura evadir-se e diluir-se na compreensão de que há uma magia indevassável, inexplicável, intocável na vida; a sua magia divina. Ele presente que essa "margem divina" é negada e comparada a uma página já escrita no livro do destino humano e que apenas ainda não foi lida pela sua ciência... Contra a nutrição materialista dada aos homens de hoje ele aspira o pão celeste, não no sentido meramente religioso, mas como uma irredutível necessidade, fruto do conhecimento memorial, que o homem tem dessa infindável quota de divino que a todo o instante descobrimos haver entre o humano e o mundo... "E agora" — diz ele — por onde quer que o especialismo e a tecnologia não estancaram as fontes de idealidade que alimentam a cultura geral e humanista, por toda a parte rompe o alarme, denunciando a conspiração das ditaduras obscurantistas (se refere-se às totalitárias). Protesta-se contra os regimes e governos que regataram o pão espiritual dos povos. Protesta-se contra os bárbaros que, decretando, a abstinência mental obrigatória, esperam reinar comodamente sobre as gerações de microcefálicos".

Este Xavier Marques pensador, tão sóbrio e tão pouco baiano no sentido de refugir a qualquer tentação de eloquência, marca com nitidez a linha do processo do seu pensamento, exata e cheia de pudor, contida na precisão da análise e do consequente raciocínio. O doutrinador expõe e não declama.

E, entretanto, dentro de processos possivelmente científicos que manifesta seu horror ao excessivo cientificismo estabilizante, opondo a ele a caída e nutrida formação humanística da sua cultura, alargada até as fronteiras infinitas pelo seu idealismo.

O ROMANCISTA E O POLÍGRAPHO

Situado em seu tempo, é Xavier Marques um dos nossos melhores romancistas. Do seu tempo é, também, dos mais modernos. Nada tem de anacrônico. Assim, nem do irônico Coelho Neto, "Boto & Com", "Jana e Joel", "Pindorama Marquita", e "O Sargento Pedro", seguidos por Holocastro", "A Boa Madrasta", "As Voltas da Estrada", etc., mostram a sua força com romanística, a "Cidade Eneahabu", "Terras Mortas", coletivamente, novelas, com seu notável estudo sobre a "Vida de Castro Alves", completam sua vasta produção com "Tomás e Virgílio", "A arte de escrever", "Cultura da língua nacional", "Dous filósofos brasileiros", "Outros ensaios, Insulares" e suas coletâneas de poesias.

O mal de alguns que fizaram proas ao tempo de Xavier Marques foi o de pertencerem a uma quadra na qual ainda se "morria em prol do estilo". Para que, muitas vezes, não morresse a forma, matava-se a ideia. A forma é tal qual esses parasitas letais, que tanto se multiplicam em ornamentos, nutrindo-se do vegetal em que florescem, que acabam por exaurir toda a seiva do qual que lhes serve de sustento. Essa temerosa quadra, com gramáticos soltos nas ruas das lettras, semendo pânico, destruindo, a golpes de palmitarias, vocábulos incipientes, criou na noite gerações e tremendo complexo do pronome mal colocado". Sua vernaculariza era o maior título nacional de cultura. Rui soamente chegou à culminância quando a nação, admirativa e reverente, verificou, com prova provada em candentes polêmicas, que ao gênio baiano eram familiares todos os clássicos e que o ouro da sua prosa era fundido nos cadinhos vernáculos dos Bernardos e dos Vieiras. Houvesse o ar, Carnetru provado que um só dos seus nomes estivesse, como um deserdado da política, sem educação ou com má impressão, intocável na vida: a sua magia divina. Ele presente que essa "margem divina" é negada e comparada a uma página já escrita no livro do destino humano e que apenas ainda não foi lida pela sua ciência... Contra a nutrição materialista dada aos homens de hoje ele aspira o pão celeste, não no sentido meramente religioso, mas como uma irredutível necessidade, fruto do conhecimento memorial, que o homem tem dessa infindável quota de divino que a todo o instante descobrimos haver entre o humano e o mundo... "E agora" — diz ele — por onde quer que o especialismo e a tecnologia não estancaram as fontes de idealidade que alimentam a cultura geral e humanista, por toda a parte rompe o alarme, denunciando a conspiração das ditaduras obscurantistas (se refere-se às totalitárias). Protesta-se contra os regimes e governos que regataram o pão espiritual dos povos. Protesta-se contra os bárbaros que, decretando, a abstinência mental obrigatória, esperam reinar comodamente sobre as gerações de microcefálicos".

Xavier Marques, sendo um dos mais bábeis e cultos humanidores do idioma, tinha uma exata compreensão do seu necessário abastardamento ou melhor, da sua inata plasticidade ao procurar modulos ou termos aptos a exprimir paixões e cousas novas dentro de uma palavras nova, "O português, no Brasil — afirma ele — é até superfície dize-lo, modifica-se, diferenciam-se. O que ainda suscita dúvida, escrúpulos, realidades, conforme o ponto de vista ou o sentimento com que se aprecie o fato, é se o português do Brasil, assim modificado, pode ser chamado com propriedade um dialeto".

Com se vê o mestre não era dos que, com respeito à língua, tivessem a obsessão da vernacularidade, armados de critérios meramente gramaticais", sendo tolerante e compreensivo. Essa atitude e a linha geral do seu pensamento na apreciação dos problemas nacionais e dos problemas humanos, documentam a dutil claridade da sua inteligência. Essa compreensão, porém, não levava a sacrificar

a jazzyro-purista a que ficou ligado, aquela viva lucidez de ericino vocabulário, no capitulo e expressão de que é dona-nossa gente, nem a perturbá-la nossos pitorescos modismos que vivem, resguessem e ampliam o mapa e a gama expressiva da velha língua justa. A forma importa no fundo, junção ao espírito e forma e materializar a forma do espírito. O amor excessivo à música e à plasticas dos vocabulários desvia para elas a energia criadora. Nesse ponto, se houve pecado em Xavier Marques o pecador não foi ele, mas a moda do tempo.

Estas observações que podem implicar numa restrição, trazem à baila a injustiça do critério que há em se querer julgar com o palito de hóje, o que foi realizado para o "espírito de ontem". Nem operamos uma deslocação de plano temporal, imergindo-nos na atmosfera estética e no gosto corrente ao tempo em que foram concebidos "Jana" e "Joel" e "As Voltas da Estrada", não podemos tomar plena medida de seu extraordinário mérito. De qualquer forma, porém, sente-se em Xavier Marques o admirável criador quase sempre confinado ao iluminado espiritual da província — uma subtil força de avividação do que consumamos não sei por que denominar "modernismo". Ele não tem, como Machado de Assis, aquele gozo introverso, ou melhor, aquela volátil burguesia e cetera de se perder em lentes passados por dentro de si mesmo, num farto e egoístico rebanamento psicológico de ironia e de sensualismo, drama-prasal, fechado, quase doméstico, comparável à tarela de um funcionário público que dedicasse seu "weekend" a desmontar e a montar um relógio. Não tem, com Coriolano Neto, o exultante e heróico furor da palavra, honesto mas truquido labor baroco que, vendo greda plástica em todo um vocabulário, passa a vida a escupir imagens a reforçar curvas de ornatos. Xavier Marques é mais "real" no processo. Ele "narrá" as versões a tentação verbal, como as corvinas cantoras de Jana na hora indefesa da sua passionabilidade, e seduzia para uma pequena orgia plástica, mas ai justa, porque nutrita de lirismo. As palavras, como báculos, ofereciam-lhe resonâncias, vivendo uma pura vida musical, leita de cristalino atrito sonoro.

Oviu esta música do idilo de Jana e Joel: "Comeram-se a esfumar beijos de quebração; um murmurio confuso, misto de sonoridades líquidas e aéreas, revinha o batel esguio e como que abandonado no fundo-douro, no jogo das águas revezas. Talvez morram muito embaixo, no cristal do leito marinho aquelas harpas tintinantes, vozes do peixe-musso, vilação das estrelas em ilusão das sentidas... conavam por certo no mar, no firmamento, na alma fosse onde fosse, elas retinham multiplicando os círculos sonoros pelo espaço e pela noite, até que um rumor soberano, chico de palpitações as foi abafando e amartecendo numa surdina cada vez mais imperceptível".

Abandonando o demônio do verbo Xavier Marques segue escoitando a picada episódica, a curiosidade levando-nos pela mão através da floresta magia da narrativa. E esse processo de "romanejar" — isto é, a faculdade de criar uma intrincada fabulação e narrá-la com interesse, sem preocupações excessivamente descriptivas ou possessamente verbais — que torna, entre seus confrades de opéra, "mais moderno", a arte do novelista Itapariqueense. E aliás, nesse gênero literário que ele mais se ilustrou.

O CRIADOR E AS CRIATURAS

Das romances de Xavier Marques saíram para a vida alcuni tipos que o artista construiu

com bom material humano. Návaro de "As Voltas da Estrada", é algo mais que um personagem; é uma individualidade tipo. E o médico invadente reportando no cenário social e político da quadra nacional violentamente democratizadora que sobreveio a abolição. E a criatura que ajuda a destruir os resquícios de uma nascente estrutura feudal, em que a casa-grande era o "mato" e o suíto o condado. Essa criatura é explosiva de recauchos, vulpina, escorregadia, inteligente e justificadora, vinhando-se da larga humildade que sofrera entre soluços e sanguineos na noite previsória da escravidão.

Návaro, o mulato, é o sucessor democrático de uma taca aristocrática latifundiária, dessa classe amolecida nos braços das mucanhas e que gerou muitos espúrios das senzalas, a exílio dos seus próprios carregos, os filhos, os cabronhos, as ricas variações da mediana gema. Desse livro inda surge com bastante vida a filha de Návaro, Pastora, criatura toda sexo, tostada de sol e de paixão, isenta de carne destinada a atraír e a plebeizar os restos de pompeia fidalguia.

Esses tipos são, a nosso ver, pela sua significação dentro da nossa formação ética, dos maiores expressivos e humanos de quantos a autor criou. Mais que seus duques, seus marqueses, seus barões, imperias, mexendo-se entre velhos jacarandás e cristas de eucaliptos, enquadram os seus vultos barbudos entre os grossos bultos dos pelados rojinhos, são os mestres — variada graduação e cronologia do primário racial — que concentram seus melhores instantes de penetração psicológica e melhor se plasmam, com a carne das palavras, para viver a vida eterna da arte.

Mário Leão vê na obra realizada pelo artista de "Pindorama", "um sólido monumento literário". A emotividade é o elemento substancial do romancista, afirmou Goulart de Andrade. Clementino Fraga assentiu: "não haver dúvida que o romancista revela qualidades de observação e capacidade eradora, sem falar do ascendente da linguagem cuidada, elegante e sobria". Carlos Chiachio acha que sua obra "é outro de lei de mestre eminentíssimo". São seus contemporâneos que o consagram, proclamando-o herdeiro da glória de Machado de Assis. Seja como for, ninguém poderá negar a Xavier Marques uma posição de mestre no seu tempo. Seu espírito, porém, multifálico. O pensador, o romancista, o ensaísta era também poeta.

O POETA

Por um erro denominaram-se igualmente poetas tanto os que escrevem versos como os que realmente fazem poesia. O verso, que leve, antes, uma estrutura rígida e que hoje é plástico e fluido, tendo por

âmbito os célos frágiles

sendo

el viento la forma pura,
nunca sempre é o Livro dos Sete Sinos contendo a divina mensagem. Não se confunda verso com poesia. A questão de forma não tem nenhum sentido, uma vez que a presença da poesia num verso opera logo a mitificação da transubstancialização, pois se funde no próprio corpo verbal que a encerra, tal qual a alma se integra no organismo que nasce. A anunciação angélica do milagre da Encarnação é, talvez, o melhor e o mais belo símbolo da poesia. As palavras em tal caso — carne que vai receber o espírito — tornam-se por si mesmas poesias, porque são usadas em função poética, com som, como cor, como mistério. Raimundo Correia, ao classificar sua "madrigalada" de "sanguinea e fraca" soneto "As Pombas", usa devery adjetivos como um plu-

ter muriar de laca paunaria e de verde-jade. Não foi atoa, na verdade irracional do simbolo, que Rimbaud fez das tonalidades verbais uma palheta eromática.

Isto posto, força e convir que não na "poesia antiga ou poesia moderna", mas apenas poesia, tenha este por mortadela. A balada de Vigny, o soneto de Baudelaire, ou o verso moderníssimo de Garcia Lorca, de Neruda, de Alberto de Valdés ou de Ribeiro Couto.

Poesia é essa comunicação infeliz de algo super-sensual, que acorda em nos, através de "impresos ritmos, de suave musicalidade, de vaga sugestão de plasticidade narrativa, alguma coisa inconfundível, estasiante, que dilata horizontes de infinitas repetições emotivas e sonoras dentro de nos. Se somos, de fato, descendentes prégénie do anjo caído, poesia é um instante visível, compreensivo da linguagem celeste e ancestral, da qual nossa espessa carnalidade perdeu a chave misteriosa e divina. Essa linguagem está contida na vida universal, mas quase ninguém lhe conhece as magicas articulações. O poeta e a criatura escolhida e iniciada para essa comunicação metidiana, pelo que a poesia tem algo de religioso, pois torna a religar o homem a sua mais obscura escondida e alta essência.

Pensamos ter descoberto no ultrajeiro surrealista ou no irracionalismo do inconsciente elementos originais para enriquecer a expressão poética. Não descobrimos coisa alguma. O que fizemos foi apenas explicar um material poético de velho uso. O irracional, o irracionalismo — imaginação abstrata, instinto profundo, forças vínicas e subterrâneas do "eu", que hoje se libertam na explosão irrefreável da absoluta liberdade poética, incarnando-se em formas sem conexão, valendo estas como pura plástica — já eram materiais da poesia, pois, sendo esta, linguagem divina, é linguagem integral, voz ecuménica, total como o próprio universo, oriunda do céu e da terra, do consciente e do inconciente, do real e do irreal, do racional e do irracional. E por isso, por essa vastidão sem

limites e por essa margem de mistério, por essa força e por essa graça, que denominamos poesia não apenas a emoção que uma forma e uma sugestão verbal provocam em nós, como certos estados de espírito que obtém da contemplação de um eu cheio de estrelas, que no céu de um voo, quer da simples imersão do nosso pensamento no mundo dormiente e fabuloso que temos dentro de nos mesmos.

Ali está... e deixei dar esta exploração uma vez por todas, tantas as interpretações obtidas que se tecem procurando dar nítida linhas retas do meu pensamento com referência ao problema... — porque não me interessa saber se Xavier Marques, nas "Inimigas", foi modernista ou passadista. Para mim são poetas todos os que conseguiram fazer realmente poesia e não apenas versos.

O que fizera dos poetas moços era, num a escola bem o processo, mas a poesia que tinham conseguido fixar nação, é extro. Do submerso Félix d'Andrade, sobreira da sua vasta obra apenas um soneto. E por isso que Castro Alves, o genio trovante da apóstrofe, e Caímastro de Abreu, o génio do lúgar-comum lírico, estão mais vivos do que nunca. A maioria dos que, em relação ao seu tempo, foram "modernos", "preciosos", "revolucionários", morreu. Morrem os maus versos. A poesia, porém, vive a vida cierna da sua divina substância.

Era Xavier Marques, um intuitivo pendor mental — o terror de ser banal — fazia não raro marchar seu estro. A "Idéia", o requinte ou a profundidade dessa "Idéia", preocupava o artista cioso de substância. Os dois temas dialéticos, amor e morte — criação e destruição, princípio e fim — são tentações constantes da sua lirica.

Não! Não é pela vida que distinguem os pobres seres destes val tristes: é pela morte, horror!, que todos

Soneto — A luta pela morte. Ou ainda: E quando cheios de tristeza...

Que sempre há de esforçar toda a ventura a porta d'uma desse abrigo — la morte.

Xavier Marques, entretanto, sentiu o valor plástico das palavras como parte material poética. Esse rápidio sensualismo musical descobre-se em "Adormecida":

De uma das mãos a cancha cor de rosa
some-lhe a face, qual a pomba
no belo colo suave como o ar
cria sobre a rocha em curva
Arria-lhe o seio. Dorme E de
larmosa e soezia que os labios, num
lacrínio, lhe afrouxa. As formas se lhe
ajustam e lhe de vestir chã, traídos e lumi-
nosas.

Agora viajamo-lo desfrizando assim asas plenas, o seu alto vôo partisiano:

INDIFERENÇA
Sinto as vezes o arreco de uns
limonetas
Que a tems pés uso me curvava
por bem pouco.
E eu quase a entrelacar-te como
lana louca
Entre os meus braços tremulos,
lennulos.
Repeito-te o perfum, novo os
limonetas pulsos;
Não tenho algemas não, nejo
lito pone.
Qual a poesia surzida do circos.
Vejo os recuos de minh'alma
lexpulsos.

Então me agito e arrojo com
firmeza.
Mas olho e vejo... Oh! que
mortal friza
No modo olhar que e culpie
ledor.

E na ver-te os olhos quiclos, las
lereus,
Brilhando sem paixão, cada vez
lirmas,
Recuo, paro, desafeço e chorro.

Este fumíneo vôo sobre os
poemas do criador de "Inimigas" destinou-se apenas a re-
veriar na vastidão poligonal da
sua obra, um ângulo lírico, se
bem que o material poético
nela poderia ser copiosamente



Memória do Poeta, na edição de A MANHÃ, da vez anterior (1940).

Menotti Del Picchia:

Em certa época de natalismo houve muitos patriotas nossos que, desejosos de exprimir mais intensamente o seu apreço à terra, juntaram ao nome português um sobrenome indígena.

Quem não se chamassem Baroni, Marilli, Julto, Almada, Acarape, não seria bem brasileiro. Cite-se mesmo o verso da res-

Discurso de Cassiano Ricardo

*Menotti. Não recordo-te no ex-
presso — o que tu tens feito
tardava — do brilho de Je-
quelinha. No entanto, de que
entura intelectual e técnica a
vossa literatura?*

*E que não vos considero apre-
cios de nome, sejam de espírito e
sentimento. E o Juca de V.
Menotti Menotti Del Picchia,
e serdes lucros, não invejais car-
europeus um poema chamado
"Juca Mulato".*

A MENSAGEM ITALO-BRASILEIRA

*Não por esse motivo estou
entre Menotti e Juca Mulato o que
pela audácia e criatividade
que vosso leitor é o Juca Mulato.*

*Há alguns anos fizeste questa
teria formata de poesias em
verso com esse título?*

*Já João Ribeiro — encarando
a questão sob outro aspecto, diz:
— «... Menotti Del Picchia
é um italo-brasileiro, mas é um
italo-brasileiro que fala poesia
em português da sua poesia reflete-se
o "Juca" quanto os versos do portuguesismo Car-
los.*

*Por certo que, no paisagem
social bandeirante, entra o colo-
nial italiano, em larga dose. A
propriedade terra lata — já não
direi o vocabulário — sobre manu-
ta com uso, pois está sendo
substituído por uma similar
italo-brasileira, digna de me-
lhor estudo por parte desse Aca-
demico.*

*E comum ouvir-se, por lá,
a observação parte ainda de
João Ribeiro — os italo-brasileiros
dizem: "vivem com o*

*trem das velas". Ora, adverte o
poeta — o trem pode ser brasileiro
sob "com o trem" e Ita-
liano.*

*Contudo, o Juca de V.
Menotti Del Picchia, se inves-
tigasse respondendo de
trem, e não em o trem.*

POESIA ITALO-BRASILEIRA

*Sou, pacientemente, brasileiro do
meu sangue.*

*Não tendo — parece evidente
— quarenta anos, tendes
apenas 31. Na infância, sem os
colonizantes e mesmo sem um
colonizante indígena, sou tão
brasileiro como o mais ines-
cavável Alcantara Machado e
— para citar — mais brasileiro
do que o sr. Acácio Monte-
lândia.*

*Por certo, já era esse o vo-
teamento sentimento quando, ainda os-
curos e paucos anos de idade, os
operários festejaram (1923)
a vitória em São Paulo, de uma
"Confederação de Filhos de Itália-
nos", nascidas no Brasil. Ver-
bastes a racionalizar como "in-
teligentes, antigos e monstruosos". E
viveres: "Pra que os espiri-
tos que engendraram tão sin-
ples pregarão, destinado e re-
colorido de carões malfazos já
jundificam elementos éticos que
formam a nossa nacionalidade
deveras marcas de rota. Amantinhá,
um Brasil composto de filhos de
italianos, filhos de portugueses,
filhos de suecos, filhos de ale-
mãos, filhos de espanhóis, não
passaria de uma colcha de re-
tolhos ridicilmente extensiva
na região mais secunda do con-
tinente. E os moços de minha
ordem — disse, inflamado pe-
lo vosso traidorismo — que di-
xeram estas palavras. Não havia em
alhures que nenhum filho de
italiano, nascido no Brasil, ader-
risse a tão acérrima instituição".*

AI POR VOTOS

*E que era razão a razão, tam-
bém não tem dúvida.*

*Não fui tantos dias. Observei
Viana referir-se, num dos seus
discursos, ao poeta da raça
que emerge nas brumas da len-
da entre uma fascinante inau-
guração de milhares de imigran-
tes, para nos trazer do fundo da história, tal qual Fer-
reira Dias Paes Leme no fundo
do zêzimo, os esmeraldas das
sua estrofeas.*

*Talvez poucos dias do que eu
aproximasseste tanto pela sua
aventura, quando em "Martim
Cerejeira", o poema da raça,
em que o poeta — que
para criar sua tronçona e pa-
vor na aurora da sua formação
com heróis e com deuses não
precisava inventar Olimpos
imaginários, mas podia escolher
os entre criaturas de carne e
osso — sua vasta teoria dos heróis
da madrigalada do desbrava-
mento. La essa Raposa, o ubi-
quo, cujo perfil recorta em lo-
das as paisagens da serra, vo-
no uma potestade telúrica, rati-
onal humano de Proteu; la essa
tempestuosa Antanhaura, o
gigante que bolava fogo no
noite, emulso do vulcão Uissus.
Esse bando andijo de Jacob
matões — Arzão, André da
Lobo, Borba Gato — move-
ram um baixo-relevo de um
frioz homérico que Cassiano Ri-
cardo houve chamado para
a vida, aí supõe misterioso da-
nte, renovando ele, no verde
cenário americano, incansáveis
saudade mais profissionais que
enarradas pela Odisséia.*

*Senhores acadêmicos:
Falei muito e não falei, me-
te quando alguém fala mal
que é exatamente o que dese-
jaria dizer. O que eu queria di-
zer é simples: isto é significar
que toda a minha gratidão é
vossa generosidade. Teria, poi-
sso, feito um discurso magnífico
porque exprimira exaltamente
meu pensamento, se em lugar
de ter dito tantas coisas, tivesse
apenas pronunciado essas
duas palavras:*

— Muito obrigado!

*ros terão triunfado tão nume-
rosamente como nos; e são me-
recindamente.*

UM PORTA POR VARIOS
CAMINHOS

*As vossas modulações de ação
intelectual e profissional, nas
quais afirmastes os vossos mé-
ritos, indicam demais os caminhos
por onde andastes até hoje, em
resso banderismo pessoal, per-
quisidor e revelador.*

Assim, nascido na própria ca-

*— um jogo de ritmos liquidos,
áureos, quase desenrados —
onde o artista não tem a pre-
ocupação de localizar a sua au-
tobiografia vana — como nos
fins de um Beethoven, colorido
e humano.*

JUCA MULATO E A
BRASILEIRIA

*Longo de mim o desejo de se
indiscutir, já que me lembro,
porem, do escritor e do musicista,
não posso esquecer o indi-
vidual, o pintor, o deputado, o edi-
tor.*

*Industrial — embora em pro-
grama escola — não sei se fizes-
sem sucedido em vossa aten-
ção.*



Cassiano Ricardo, o grande poeta de "Martim Cerejeira" e "Sampa dos Horas". Companheiro de lutas jornalísticas e literárias de Menotti del Picchia, cruzeiro-sandão, na Academia, o novo mortal

*pital de São Paulo, desde mu-
chos, não tem destino de poeta e ensaísta
que é vida rural, — em Ita-
liano — respirarões o ar da terra
eucaliptos. Esta contacto direto
com a fauna agrícola e que ex-
erce muita cobra, em rosa
rosa, em rosas rosaceas, em
rosas, rosas rosaceas, em
rosas, rosas rosaceas. Mas
em idade de cultura superior,
relações do sítio e resolvendo
ser bacharel — ou ser bache-
ral é o destino das pastas. Con-
quistastes o rosso diploma, na
Faculdade de Direito, por onde
haviam passado Castro Alves,
Fagundes Varela, Alvaro de
Azevedo. Era o banco instru-
do poesia e do direito; o conso-
namento dos vossos primeiros po-
emas com as primeiras leis dos
cidadões.*

*Como escritor — pois a pena
é a principal arma com que ven-
vestes na vida — tendes sido
lido: jornalista, poeta, roman-
ista, novelista, contista, croni-
ca, tenetólogo, polemista.*

*E assim como o vosso nome
é terrivelmente italiano e sois
aparente disperso literário, esa
elemento vital de vossa coher-
ência.*

*Ja-me esquecendo de que sois
ainda escritor e musicista.
Marginalmente, mas só.*

*Escritor, realizaste uma ad-
mirável contradição: uma ca-
beça de Antonieta Rudge e ou-
tra de D. Quixote. Musicista,
não me interessa saber que ins-
trumento tocás — embora vo-
ce dizer que sois dono de
Eichendorff. Musicólogo, postais
lauta de um Straminiski. Isso é,
postois tanto da música cons-
truída pelos caprichos da razão*

*mas só o "Juca Mulato" e as
"Máscaras" terão rendido, em
todo — em favor do editor, e
claro — um milhão e setenta
mil cruzados.*

*Não sois, como se vê, um
só operas de poesia; sóis, fala-
bem, um caso de estatística...*

A MA FAMA FUTURISTA

*Em torno desses aspectos tão
sugestivos de vossa personali-*



Francisco de Souza, criador da cadeira n.º 27, hoje ocupada por Menotti del Picchia. (Título de A. Pacheco)

conde de Jequelinha, que foi
logo às do encontro de Francisco
Gomes Brandão passou a cha-
mar-se Francisco Góis Acabado
Montezuma.

O mesmo caso é bem curioso, e
não menos interessante. Tendeis
um nome eternamente italiano-
colorido. Mais italiano-colorido que
os de Agripina Grécia e Sôd

colhido em certas linhas da sua
prosa. Mais que isso, trive por
lhes mostrar a pluralidade des-
te espírito, integrando, para
revelar sua plenitude, de várias
línguas, inclusive a poesia,
que é a linguagem das deuses.

Curioso... Sinto que eterno-
mota alegria se milha insu-
ficiência não conseguia dar as
majestosas medidas deste ca-



Xavier Marques, o consagrado
romancista de "Salomé", o poeta
eterno e apaixonado de Juca Mu-
lato. Entregou Menotti del Picchia
para a Academia nos rags de
Xavier Marques.

pirito, cuja glória, no campo
das letras, mandam os ríus que
em celebra. E que assim conse-
guireis distanciar a deficiência
desta subtilidade, supremo
vossa generosidade a larga
margem de vazio que fôr entre
o muito que valeu o antecessor
e o pouco que valha o seu su-
cessor.

* * *

E vossa magnanimidade vai a
ponto de enviar ao meu encontro
Cassiano Ricardo, poeta dos
maiores que o Brasil tem tido
em todos os tempos e encontra-
r-se escritor que se liga a grande
escola de pesquisa sociológica
formada pelo cordelheira dos
lavradores Bortolos, os Alberto Tor-
res, os Euclides da Cunha, os

a razão deles é, também, a vosma
razão.

MENOTTI, O ROMANTISTA

Como romancista, realizantes
uma obra interessante, original,
renovadora.

Os nossos personagens são en-
contrados na vida social da
grande cidade; padecem das re-
cias e tiranias da civilização
mechanica, dos desajustamentos
da personalidade ao meio; ou
são tipos da vida rural, que tão
o fundo conhecem; ou nascem
de muita ternura lírica; mas
em qualquer hipótese, são hu-
manos, cheios de verdade local
para que possam ser universais.

"Luis", por exemplo, é um
vivo e humoroso estudo da vida
política do interior. Nesse cí-
ma de violência e de ridículo,
desdebruta um drama sexual tí-
pico das pequenas cidades em-
baralhando, com imprevidível reti-
nho e aguda psicologia, os ca-
dos de alma dos protagonistas
do romance.

E o mais interessante é que
como técnica, antecipaçõe, em
"Luis", o processo de conve-
niente os cenários, a Aldous Huxley.
Já em "Denise de Ouro" reali-
zava um drama de estilo rural
em que aparece o campeão
prudista o "raicanão" do Ipojuca
famoso Diogutinho. Fixado pela
tradição oral. De outro pêncro
é "Tormona", uma de nossas
outras capitais. Ali estão fixadas
as causas da turbulência nacio-
nal que explodiu na revolução
de 24, e de maneira dramática.
As figuras que se agitam ne-
ssas aforradas páginas, sal-
tam à vista. São todos, de tal
modo identificáveis que não po-
deis dizer, cautelosamente, que
as semelhanças são puras coi-
ncidências, com as quais não se
deve impressionar o leitor.

Políticos, militares, intelectuais

ali estão surrepreendidos em suas
reações diante dos episódios que
ensanguentaram o planalto de
Piratininga. As alegorias não
desfiguram o texto; a descrição,
as narrativas empolgam, a todo
momento. Aquela personagem
que aconselha "detetives de re-
alismos e ideologias", está tra-
tando com uma sazinha que ex-
panta. Mas o caso é que as ide-
ologias continuaram e o vosso ro-
mance — como previra Jodo Ri-
beto — só equivocado quanto
ao prazo — foi o prólogo do
drama maior e principal.

Sem preocupação de ordem
cronológica, não é possível es-
quecer o vosso "O Homem e a
Morte" — que denominastes
"tragédia cerebral". Esse, tão
representativo de uma outra
modalidade do vosso espírito, é
o estudo, através de "símbolos
bárbaros e palopantes", do drama
dos artistas incomprendidos
pelo meio, ainda pouco re-
ceptivo e bastante incômodo de um
Brasil de 1920. Drama individualista,
realizado com propósitos
estritamente literários, é um
romance admirável, estilizado,
extinto de poesia. Mas as face-
tas do romancista são numerosas — tão numerosas como as
do poeta. E a experiência não
parou nesses volumes, mais do que suficientes para atestar as
nossas qualidades de ficcionista e
garantir-vos o lugar luminoso
que tendes direito, na moder-
na história do romance brasi-
leiro.

"Comunhão" é outro exemplo
de vossa inquietude e do quan-
to possuis de numeroso em vosso
unidade.

Dos símbolos, da vida rural e
lírica, passais ai a uma vasta
áfrica contra a hipervivilização e
contra o espírito totalitário. Pe-
la regressão ao estadio da natu-
ral — sem Rousseau — queris,
então, curar a humanidade
dente de intelectualismo. Para
isso, inventastes uns índios ad-
bidos e filhos dos cuja missão é
rehumanizar os brancos que,
com a sua pertinaz técnica,
emigraram para uma super-
cultura, criando o super-Estado.

O ESTRANHO CASO DE "SALOMÉ"

Saltastes depois — quase
acrobaticamente — de "Luis"

para "Salomé" — isto é, do quod du "Sacy" — conto regionalista
mágico seu rural em que fo-
realizas a ilusão de abusões ju-
miliares pela imaginação do-
cubelhos — e por "Toda nua"
em que fizeste três contos nu-
mas, agudos, exultando jatos so-
vres. ou analisando o drama
delirioso do coração humano
como no "Bicho" e no "Arbitro".

E se posta isto, em todos os
vossos livros, de modo geral
mesmo nos de prosa — que se
dá o presenteamento de po-

sia?

Quando vos felizes mais di-
reitamente é o que viver — por-
ta — encontra alguma o íntimo de
essa personalidade numerosa,
a ponta de cada unidade artís-
tica, o que frases, enigma de magia
permanecem em vosso múltiplo
aparecida de escritor.

Mesmo na poesia, porém, não
tendeis — a bem dizer — um
pouso certo.

Tales do Brasil, desprezando
deuses "Poemas do Vício e da
Virtude" — vosso livro de estréia
— no Brasil galanteador, mun-
dano, das "Máscaras", do labor
de "Moires" até à polirímia da
"República dos Estados Unidos
do Brasil".

A poesia a que aspirais é, co-
mo a mulher procurada de um
dos vossos poemas, uma soma
original de contradições:

A eleita que sonhei, enxergo-a, mas
que querer vive dissimulada em todos os lheiros.
Santuza, veudo — num sono, ou na cur-
va de um braço que a mulher que eu adoro é vila de
ladrões...
Existe em toda parte, e causa inúmera
tristeza no seu corpo alguma cosa
Tornando de vista a cor, de outra um
desta o corte do lúcio e daquela um
lúcio, ou, instantâneo a fragmento, a amola
frevo, amoroso, pol, em cada mulher, há um pouco
ido meu sonho!"

As formas poéticas que expe-
rimentais, representam, porten-
do, pesquisas feitas a antigo e à
moderna.

Desde o verso branco ao rima-
do; desde a rima fácil a difícil;
desde o verso medido ao poli-
medido, isto é, ao polímetrico;
desde o polímetrico ao livre —
livre como os modernos o enten-
dem; desde o lírico ao parnasi-
ano, ao simbolista, ao surrealista —
isto já quanto às tendências;
e desde o soneto, a quadra, a
trova, aos poemas complexos e
orquestrais; isto quanto aos gé-
neros de composição que praticais,
em vossa constante exer-
cício de sinceridade; ou que ape-
nas frequentaste neste ou na-
quela livre de poesia.

Em metá disso tudo, des-
se quase terremoto lírico, des-
de uma permanência gritante: por-
que sois poeta.

Que é a poesia, sendo o "pe-
queno momento de plenitude"
de que fala Daniel Rops?

A PROBLEMA DA POETA E A DO EDITOR

E sois poeta, sr. Menotti Del Pichia — dentro de alguns dos

maiores sentidos dessa palavra.
E o ponto de referência mais
curioso que despertas, para a
interpretar de vossa obra poe-
tística, é — desde logo — o da

nossa em sua relação com o
leitor. Do ponto de vista da
persuasão extrema que atingis-
tis em outras almas e em ou-
tros espíritos, nenhum dos nos-
sos poetas modernos vos levará

à palma. Quando penso na po-
ularidade que desfrutas, chego
a crer em certa observação
segundo a qual o Brasil "é um
país onde todos os homens são
poetas e todas as mulheres são
liras". Sérias, então, um "con-
trole de resonância", traduzindo
apenas a poesia do homem coletivo.
Não quero dizer que seja
esse o vosso principal mérito;
mas, também, não deixo de pen-
sar em Léger, quando nos lem-
bra que o povo é poeta que as
nossas avós, na maioria das re-
zes, só se explicam numa atmos-
fera de poio densamente carre-
gada de poesia.

Outros não levando em conta
esse pormenor. Preferirão até o



PACHECO

Xavier Marques, o delicioso romancista de Jana e Jael, sucessor imediato de Inácio de Souza na Academia Brasileira. Por seu falecimento entrou Menotti Del Pichia na Academia Brasileira

mérito de só serem compreendidos por uns poucos leitores, taisvez um sistema eclético: ou mesmo por um único e acendendo uma vela a Deus e ou-
tra ao Demônio...

Em qualquer hipótese, direi bem que se somos, de fato, de-
generados propenso do anjo de-
cado, poesia é um instantâneo
vislumbre da linguagem celeste
e ancestral de que nossas espe-
cias carnalidade perdeu a chare
misteriosa e divina.

Nessa transfiguração lírica, posem,
o poeta não faz mais do que
restituir as palavras as imagens
e os mitos com que o povo as
animou no instante da criação.

O povo deu ao poeta esse
mandado, que é restituir a sua
linguagem o segredo que lhe foi
usurpado pelo raciocínio,

O POVO TAMBÉM É POETA

A própria rima não é apenas
um capricho pessoal do poeta;
é uma imposição da língua em
que ele escreve. E como o povo é
que faz a língua, a rimar ou
não rimar corresponde, até cer-
to ponto, a uma exigência psico-
social do povo.

Nem creio que o mundo me-
dico venha perturbar tais rela-
ções das palavras com a imagem
ou do povo com os seus raposa-
dos. Isso não é um poema.

E se o símbolo da poesia é a
asa, e se cada vez — por exem-
plo — que um anjo levanta voo
somos obrigados a olhar para o
céu, o anjo é a mais perfeita
imensa da poesia no mundo
međico.

Não é, pois, o međico que
matou o mágico. O que há, o que
parece incontestável, é a ausên-
cia de poesia no coração de al-
guns homens esquecidos de que
o povo é poeta; de que o povo
exige poesia como exige pão —
porque nem só de pão vive o
homem.

E assim como cada um de nós
escreve o seu soneto, a sua es-
trofe, assim o povo escreve o seu
poema, ora cheio de claridade,
ora cheio de noturnidade...

O que chamamos História na-
de mais é do que um poema
coletivo.

Mas eu quero chegar ao ponto
onde vinha é o de que escre-
veis os vossos poemas com san-
gue lírico brasileiro e sóis, par-
tanto, nesse casamento da pos-

sia com o povo, o povo de nossa democracia sentimental.

O dom demoníaco, o esfôrço de condura necessária à compreensão total do mundo, a capacidade de transmitir a outros áres humanos o vazio frenético de emoção e de ternura — que mais contagiosos titilhos nos poderia apresentar em nosso primado de poesia? Se não suis — diga-se francamente — um poeta capaz de satisfazer os "rafinés", os "lúbeis", seja uma festa, no mundo da imaginação e da sensibilidade. Não lanças mão de recursos tão extra-humano que não sejam compreendidos; não finas de lucro para prender simbolismo; não fazes de poesia uma linguagem para telegramas cifrados, porque os processos de comunicação com as almas dispensam, para nós esses apelos da gravidade, do inconsciente, ao subterrâneo, à treva. Sois, antes, uma torrente de inspiração, envolvente, magia. Não depende tanto do leitor ao ponto de prenderdes que o leitor decifre o vosso enigma. Não vos divertis a custa do leitor — só mesmo tempo que não transfigura com ele quando é preciso chamá-lo à contrida lírica.

O erro está em supor que só nós é que somos poetas — porque escrevemos um livro ou vemos um jardim acadêmico — quando o povo também o é.

OS INIMIGOS DA POESIA

Mas essa democracia sentimental tem os seus inimigos... Não. O maior amigo da poesia pode ser, dentro de si, os plares inimigos dela. Quais são os inimigos da poesia?

Ribeira já pediu da Juca poeta desinibido, de suas famosas cartas que levou a menas possíveis as obras de críticos e editores um dia e amanhã que só a lá, outro dia, é a opinião contrária. Há um ponto, entretanto, que se me aplica a magistral, nesse desencontro: é a falta de franco, a falta de liberdade interior de quem, prioritariamente pessoal ou política, se arvorava em critica de poesia. Não há por regraria ao entendimento poético do que isso. Só o amor, "la connaissance et l'œuvre", é que torna claro e justa esse entendimento. Sem simpatia nenhuma há poesia, como sem paladar não há gosto, como sem olfato não há perfume. A delicadeza, a receptividade, a ternura humana são as pedras de que de qualquer querer humano.

Não era senz razão que o poeta antigo já se preocupava com essa transformação lírica:

Se tuvier de ser o que me queres dar,

Deixa adiante a água se for mala
de teu lado de poesia e impõe,
E se a poesia é como a treva

de Outro portais,
que se escende a que mala a poesia deva
a mim o encanto que te devo,
Se for a tua, meu inimigo,
se dize de ti mesmo;

meu leito o que entro.

A poesia, como diz Tristão, é a maior afirmação da liberdade humana sobre a terra. Não há nada que mais se contrapõe ao "animal lírico" do que o "animal socialista".

Há, porém, uma forma de bisseria que não tem do poder público. Há um fascismo gramatical, como há um fascismo crítico. Trinta e fascista quem impõe ao poeta uma língua que já não é dele como quem impõe o recesso mais duro de sua sensibilidade para que importe muito de sentir que não é seu.

Se é o poeta que recita a linguagem não poderá ele submeter-se à linguagem já feita e imposta sob a forma de "terror literário" ou sob o terror do pronomé nome mal colocado.

Por isso, nada mais justo do que incluir, entre os inimigos da poesia, a crítica ortodoxa, catártica, gramatical ou policial, que não dora a sua autofelicidade com um mínimo daquela docia ignorância de que nos fala, quase silenciosamente, a humildade de Nicolau de Cusa. E que vai cortar os espinhos e arrancar as flores; e que reflete "umas das tendências mais setarias e mais

aplicadas da cultura dos nossos dias", como observa um crítico moderno e agudo como é o sr. Alvaro Lins — a faz papel de hiena e impõe, retrogradamente, a um Dostoevski o título de comunista ou a um Dante o rótulo de fascista.

Outro inimigo da poesia é o hermetismo levado ao extremo de turborrepelir o mistério. Outro será o "mato de expressão" impõendo como finalidade artística Tanto e limitativa o verso obrigatoriamente medido como o sôfisticamente livre. E se leparamos mais longe o raciocínio, veremos que, mesmo na velha fôrmena, na muio das mediocres — só o soneto era um dos primeiros inimigos da poesia.

Cheguemos a dedicar um soneto ao soneto para evitá-la, naturalmente, quaisquer dardidas e tal respeito.

Somos mal de la falou poesias que se seiam e se eram no ar nome lama saca. Conta, dentro de si, a ave da eterna queda dos tempos valentes versas.

Quinhentos sonhos de amor passam interno, que de dor, temor, glória e

Foste a exprimir sentimento da raiz de um poço que vive fazendo versas.

Tou dirámo, é a nostalgica tristeza deus saudade astática e inquieta no fundo da raiz nos verteu

a primeira cantata portuguesa

contando nosta, praia, herança

que nosta em que o Brasil nas

torce.

— NUNCA IMPEDIRAM MUSICAL

Houve alguns que condenaram o passo colorido, a nossa paixão, o brilho excepcional, o purismo do passo entila, "Pé de coulé", dizia Verlaine; mas a dor é a vida. A guerra de 18 foi chamada de quatro anos sem dor. Por outro lado, o combate ao pitoresco seria tão antibrasileiro agora como o foi no tempo em que — como lembra Gilberto Freyre — se deu a europeização mais intensa do Brasil. Tudo se foi acidentando". Era a invenção das nossas habitos, das nossas casas, de nossas roupas e das nossas moças, pelo azul cinturado à civilização carbonifera. Ora, a essa cor civilizada, urbana e burguesa lendas e ditritos de preferir as cores do nosso mundo mágico, do vosso mundo brasileiro.

No entanto, os que vos censuraram por esse desafio — o da cor, da diurnidade, da audácia rubicunda de subtiliza — só o fiziram por não conhecereis os vossos momentos de nocturnidade, de vida interior e de silêncio.

Do ventre fecundo do nada geraram... Iunos astros

Era era eterna e tenta... Temia os labirintos e o mar negro... Dava

Cuidas! Nunca fui eu maldita, mas maldi-
ta, garçom de barbeiros

seus de vagas fantasias...

Penso que tu me vendes os bra-

cos... (em chorando)

mas curvas das crinos caminhando

na magna fozada das ondas...

Penso que, embora tu fizessem

tuas e segundas

me ver te levas sempre no caroço a

meu sangue...

Tentei afastar-me ao seu lug; e bai-

quei escutar os voos incertos

ao petróleo, rompendo da amura aten-

tuva me um ruído de passos

Quis que mudasse insone,

luminos esquecer-te, lembra

e verde vicuna do vicio

e o público sono respiro mundano

que meus que se fuga me engoliria

que mais que se odore tu me abra-

hi ou tua preta, Senhora do Mat

de Tristão

Sabes, com Claudio, repetindo

o Eclesiastes, que "non impeditas musram"; há uma musical que

melhor se excuta quando em sil-

êncio e secretamente; sabes,

com Wordsworth, que a luz dos

sentidos se obnubila toda vez

que um relâmpago nos mostra o

mondo invisível e sabes pa-

ssar, também nos jardins oculta-

los e sentir o perfume da verda-

dadeira poesia.

Para quem é poeta, nada disso poderá ser difícil. Com a mesma facilidade com que se diz: fecha os olhos e lerás a noite, pode-se dizer ao poeta: sé poeta e ferás a poesia...

E' o que se vê, pela vossa "Pro-

destinação":

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,

que seu corpo é Lúi Melodias

que tuas almas são verdades,



O sr. J. C. de Mendoza Soares, que presidiu os trabalhos da Academia Brasileira de Letras nos anos de 1942 e 1944.

lhero de Machado de Assis, "Queda que as moças se vêem para os tolos" que durante tanto tempo foi considerado como simples traduzido, meando por que assim o seu autor descrevia. Coube a Afrânio Peixoto, no prefácio da nova edição, restabelecer a verdade e apresentar o precioso trabalho, as obras completas do maior romancista. Também com prefácio de Afrânio Peixoto, e por ele idealizado, imprimiu-se "Uma página da escena realista", o famoso poema de Castro Alves. E esta edição faz simular o próprio oratório do poeta das "Espumas Furtadas", representando uma obra de inestimável valor bibliográfico.

No celeste mobiliário, publicou-se Francisco Alves de Oliveira, escrito por Edmundo Monteiro, com notas bibliográficas de Oscar Costa Braga. Tratava-se de um trabalho que documentava sobre a biografia do famoso artista, tocando, entre de vários trechos da sua obra, o que aliás pouca tempestade era quando que interessante desvendá-la. Nesta mesma ocasião, revivemos a Vicente de Carvalho, lido pelo seu próprio filho, Maria da Conceição e Arnaldo Vicente de Carvalho, com prefácio de Roquette Pinto que denominava de "seu poeta", o autor intragável e inesquecível das "Poemas e Canções".

Outro livro de significação literária é o Santo Antônio de Constantino Alves que foi, de certo, um dos maiores professores das letras nacionais. Com sua publicação preparamos mais esta expressiva homenagem a que intitulamos concretamente para a grandeza dessa casa.

Encerramos este ano o ciclo de nossas edições com o "Arquivo Camões", que consta das conferências pronunciadas pelos mais notáveis escritores nacionais e portugueses durante o novo "Curso Camões", que tão alta reverência intelectual obteve.

A estas publicações, acrescentamos o Anuário Acadêmico de 1943 o volume 65 de nossa Revista dirigida pelo eminentíssimo professor Alencar Tamay, anais de janeiro e junho deste ano, contendo páginas primorosas de

tou para a Poesia uma noite de festa, já que foi consagrada a dois poetas dos mais ilustres da nossa terra. A posse de Getúlio Vargas, vigoroso escritor político e figura tan expressiva e com tão grande responsabilidade no movimento cultural brasileiro, constituiu um acontecimento único em nossa história, pois é a primeira vez que a Academia teve a oportunidade de receber em seu seio um Chefe de Estado.

CONFERENCIAS

Um fenômeno por sua altitude expressiva e expressivamente sustentado e vertiginoso nas atividades da Academia é em desmentindo o cliché, não só do grande número quanto também da maioria dos "idosos" que apreciam e cultivam as artes e as letras. O índice para milhares de conferências, tanto estas apertadas na pessoa de autor ou publicado, quanto todas estas feitas em prazos de se reunião, e, sem dúvida, está a eficiência em dias e conferências publicadas.

Este ano abrimos o nosso sahão nada menos de 22 vezes. Inauguramos três retratos de antigos acadêmicos, pintados e oferecidos pelo sr. comendador Rodrigo Soárez, o de Paula Séptimus em 4 de maio, cuja personalidade e cuja obra foi impressionantemente idealizada por Cassiano Ricardo, e de Luiz Mendoza, em 31 de julho, tendo neste tarde ocupado a tribuna Adelmar Tavares que pronunciou comovente oração sobre o poeta-magistrado; então o de Vicente de Carvalho em 28 de dezembro, quando Claudio de Souza, o Oliveira Ribeiro Neto, com eloquência e emoção, recordaram o grande poeta paulista. Ainda resgatamos na sala as belas frases de Celso Vieira relembrando, no vigésimo aniversário de sua morte, a inquecível poeta Olavo Bilac.

Comemoramos dois centenários: o de Almirante Jacquinot, herói nacional e antigo membro desta Academia, e o de Teófilo Braga que pertenceu ao nosso quadro de sócios correspondentes. Sobre o primeiro falou Barbosa Lima Sobrinho tendo comparecido, para assistir sua encantadora conferência, o sr. ministro da Marinha, que pronunciou um discurso agradável à cerimônia. Prestando homenagens a Teófilo Braga, convivemos a palavra inspirada de Joaquim Lobo sempre tão merecedora de aplausos.

Em 29 de outubro, no dia em que aniversariamos recordando a figura de Francisco Alves, grande benfeitor da Academia, como é de costume, tributamos os preços de adeus ao Sr. Pecôa, cuja fisionomia encantadora, os numerosos e preciosos escritos e alegria de acolher para a Academia os amigos correspondentes, Ruy Dantas, Ribeiro e Rodrigues e Mário, entraram suas figuras da mais alta significação no panorama intelectual da América Latina. Ricardo Rojas e París Rego.

Nas reuniões estreitaram mais os laços que unem a Academia às nações vizinhas, do norte hemisférico, cujas problemas são os mesmos que os nossos, e avançaram de sempre, cordialmente, estender as nossas mãos para exprimir os sentimentos fraternais que trazem, em nos, para com elas. Aliás, em minha recente viagem à Argentina e ao Uruguai nas Academias dessas duas nações, representando esta casa, tive a oportunidade de dizer o que elas significavam para o Brasil.

A POSSE DOS NOVOS ACADEMICOS

Não quis o céu que o ano de 1943 terminasse sem que tivéssemos a Academia o grato prazer de abrir o seu seio, assim para duas recepções de posse: a de Menotti do Pacheco, recomendado por Cassiano Ricardo, e a de Getúlio Vargas, saudado por Afonso de Paiva.

A posse de Menotti representa-

das consecutivamente. Afrânio Peixoto abriu o seio e encerrou-o com duas notáveis orações. Falaram, em seguida, cada qual com mais brilho e erudição, Pedro Calmon, Jaime Cortezas, Augusto Frederico Schmidt, Sauro Coutinho, Silveira Bueno, Clávis Monteiro, Serafim Leite, Olavo Dantas. Abus a conferência deste último, "Non, a inspirada poesia Matilde Lopes de Almeida recitação das sonatas inéditas de seu pai, nesse venâncio do contrário Feliciano de Almeida, festejou longa a vida e a obra de grande estatua das Lusias.

O CURSO CAMÕES DIAS

De regresso ao Brasil, o de "Curso Camões" foi o do "Curso Gonçalves Dias", organizado pela Diretoria e por mim. Comissão de comissários composta por Mário da Cunha, Antônio Tavares e Luciano Matano.

A primeira conferência, uma inaudita por Vitorino Nemésio, realizou-se a 3 de novembro, aniversário da morte do poeta, e a última por Manuel Bandeira a 28 de dezembro. Entrou e entrou, ocuparam a tribuna Pedro Calmon, Roquette Pinto, Gustavo Barroso e Guinherme de Almeida. Já que havíamos prestado uma exortiva homenagem ao poeta de Os Lusiadas, nada mais justo do que festejarmos também o canção "Os Timbiras". Creia que as seis conferências, reunidas e publicadas em livro, constituem uma sólida base para os que estudam e apreciam a vida e a obra do glorioso poeta.

A SEDE DA ACADEMIA

Pelo seu prestígio intelectual e moral, a Academia tem conquistado a simpatia e estimativa de muitos de partidários e de homens de Estado. Vários foram os benefícios individuais e oficiais trazidos a ela espontaneamente.

Logo nos primeiros dias de sua fundação recebeu uma dada a primeira de todas, do sr. Coutinho Rodrigues, que enviou uma determinada quantia para as despesas iniciais de instalação. Depois, figurou a Academia nos testamentos de Ramos Paz, criador de um prêmio, e de Francisco Alves de Oliveira. Da herança do famoso livrefiro, incontesteavelmente sempre bem administrada pela Academia, é que adveniu a fortuna que a tornou materialmente independente e capaz de

tantas realizações. Mas não só mente a essas generosas doações deve a Academia mostrar-se agradecida. Em 1904, alguns anos depois da fundada, J. J. Seabra, então ministro do Interior e Justiça, deu-lhe a primeira sede fixa e o mobiliário respectivo. Em 1923, Afrânio Peixoto, presidindo a Academia, o governo francês, por intermédio de seu Embaixador Alexandre Conty, oferecia ao governo brasileiro, este provisoriamente, reproduzindo o "Petit Théâtre", que havia sido construído para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil, afim de nele instalar a sede da Academia. Alexandre Nelly, que era o presidente da República francesa, e Raymond Poincaré o chefe do governo. Até a presidente Getúlio Vargas, nosso eminentíssimo confrade, fez a Academia a doação da casa, o que é de admirável. Esta deve ser vista ter sido extremamente benéfica à Academia. Pelo momento da União, um processo nº 74.000.43 foi avaliado e levado em nove milhões quatrocentos e quarenta mil cruzeiros, ou seja um total de dez milhões quinhentas e cinquenta mil cruzeiros.

Assim hoje podemos dizer que a Academia tem realmente a sua casa própria. De todos os nossos benfeiteiros colocaram bustos e retratos, alguns pintados por Portinari nos salões e no vestíbulo. Junto aos dos representantes do governo francês e do grande benfeitor, Francisco Alves de Oliveira, figura, obra primorosa do escultor Samuel Martinho Ribeiro, professor da Escola de Belas Artes, o busto do presidente Getúlio Vargas, a quem devolvemos com devida estima a prova de gratidão.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Conseguimos obter equilíbrio orçamentário em 1943 apesar das despesas extraordinárias com publicações e da sensível redução na renda proveniente das alugueres no corrente exercício, pela demora no recebimento das somas correspondentes ao preço dos prêmios das propriáteis da rua da Quinela, 149 e da rua Barão de S. Félix, 201, e da falta de inquilinos na Avenida Gomes Freire, 116. É de esperar-se portanto, em 1944, um aumento de cerca de



Tomaz Antônio Gonçaga

(1844-1927)

Asta - siñaló - dos acontecimentos literarios de 1843 abrasi con o resto de su juventud, o de D. Francisco Fernández Marín. Pertenece ao inicio dos nossos correspondentes. Nasceu em Oviedo. Residiu e cultivou 27 anos na villa de Viana (Asturias) - este caso em 1829 - em substituição a Paul Gossas, na redacção n.º 30 que tem como patrono o prelado Sr. da Mencia.

Dr. Francisco Rodrigues Matos faleceu há cerca de um mês, na casa de repouso de armazéns, residindo nela com sua esposa, dona Josefa. Em previsão da sua morte havia passado, por escrito, para aqui, os seus, que o fizeram profundamente. Um desses era João Ribeiro, ao qual pediu colaboração que devia para jornais e revistas, e se nos manteve escrever de artigos sobre Rodrigues Matos. Ele me deu, José Alencar, referência a um que certamente encontra-se naquele seu exílio, e que é de grande interesse.

As escravas Moreira era certamente, um espírito acutíssimo e compassivo, para que o resumasse deitar em algumas linhas de um relatório a lhe dizer: "Pela sua editora, folclorista e historiadora, foi, por excelência, a amazônica das horas raras no passado. Creio que a Academia Brasileira, quando a quis chamar ao seu reino, via nele principalmente o piedoso artigo de Cervantes." Francisco Xavier Machado, com certo orgulho, recorda de "D. Quixote" não só o nome do imperador, como possa se haverem em todos os literatos. Sua edição comentada do grande de literatura, com o seu conselho da cultura, houve muitos amigos, é claro, mas as suas notícias e os seus comentários se destinaram, de quanto em quando, de terreno particularmente idílico, em que se apreciam, e tratava-se de cunhar a sabedoria da história, ou seja, de que se apreciam os resultados da teoria e da prática, da ciência e da arte.

o que, possivelmente, é de resultado de um período de tempo entre 1960 e 1965, quando muitas das reuniões aí foram produzidas, e de que o resultado é o que vemos hoje em dia. No entanto, apesar dessas diferenças, manutenha-se em mente que estes ainda próximos seis

NOVOS NOMES PARA A ACADEMIA

*Durante o ano de 1942 fez a
Academia Brasileira a seguinte*

respeitosa com erudição na nos-
sa Nigra.
A Academia recebeu de Fru-
to Alves de Oliveira, em 1919,
o patrimônio avassalador do
Brasil.

Em 21 de dezembro de 1912, nascia-se o Dr. José Gómez de la Torre, que se tornaria um dos mais eminentes historiadores da América Latina. Ele é autor de numerosos estudos, entre os quais destaca-se sua obra "A Origem das Nações Americanas", publicada em 1930.

www.ijerph.org

o regimento na sede social de 27 de maio de 1910, a quantia de
R\$ 22.300,00.

O Arquivo da Academia pela experiência dos documentos que lhe são e devem a prestar os destinados, no campo das le-



Muniz de Souza e Mário Leão, os amigos e o herói pre-dante da Coroa do Maranhão de Assis. A fotografia foi feita no dia 20, logo depois da sua 70ª de posse na mesa diretora.

卷之三

unanimidade dos aplausos que a sua elevado talento bastava para testemunhar como o Brasil não tem um Caxias ou Ribeirão, no formoso discurso em que o sandão trouxe a sua biografia de poeta e de autor de literar, a sua biografia de homem de ação nas letras. Foi

*Menotti Del Picchia no de 1º
meio que voltaram no Brasil
as necessidades imperiais de
uma reforma profunda. Foi
um dos promotores e um dos
líderes da Sociedade de Arte Na-
cional de São Paulo. A Academia
Brasiliana foi o seu organismo e
nasceu em 1872. Deve ser dito, no
entanto, de todos os "Grandes Pint-*

ra e a cultura? E um escritor consideravel, um gigante, nascido de bote, em que cada um de nos procurou modestamente exercitá-lo; mas era assinalado Ricardo Rojas, sem dúvida, bem para si um assassino; mas ele é o próprio infinito da literatura. Ele torna para campo de suas pesquisas e de suas meditações toda a obra dos exercitadores de sua pátria. E essa obra, penetrando em suas opúsculos no gênero espanhol, E o gênio espanhol se mostra no grande esplendor do mundo. E o seu um

(10) - De Mucio Leão
espírito aproximando da de Sun-
-Beure, do ar G. Bonnard, do
e Taine. É uma hora pura a
cultura argentina possuir em
seu exílio um representante
de parte.

O Antagonista — cont.
coleto hoje é rarissimo; mas
que exibe ocasião de estu-
dar. Que cultura documental da
mentalidade política do Brasil,
nem sequer esse "sabido
não constitui". E como venha,
ele, exercitarem-se em buro-
cracia, em paternalismo, e as reas
menos em provocação e ridículo
contra quaisquer formas de
fascismo, os meus jornalistas,
que ardiam no amor da Pátria,
não medirão de prazer vê, mas
alto e grande elogio!

A recepção de Getúlio Vargas realizou-se noite dia depois da Menotti Del Picchia. Constituiu uma noite de incomparável glória para a Academia Brasileira. O nota contendo relatório substituto Alcântara Machado, na cadeira nº 32, que tem como patrono Tomaz Antônio Gonçalves, endereça que fora elaudada por Silva Ramírez. Seu discurso, harmonioso e preciso, disse-nos lucidamente a significância que nos quadros mentais do Brasil tem o autor da "A Vida é a Morre do Bandeirante", só em destaque aquela rara alma de aristocrata, aquele coroado que era em apariência difícil, mas que se tornava, quando lhe convidávamos a同情ia, o mais docil e mais meigo dos conterrâneos, e retratou-nos o perfil do homem de letras, esplendido em seu senhor de sua profissão, que havia em Alcântara Machado o exímio artista em que a medida sempre foi o estúdio da arte, o senhor treinamento da cultura. Getúlio Vargas foi elaudado por Aluísio Azevedo, que estudou a vida e a obra de nosso presidente, e o qual encerrou com profundo elogio.

L'ESPRESSO - 17 GENNAIO 1977

Via a Academia Luso-Brasileira em 1922. O autor é um dos dois últimos sobreviventes da *Visconde de Taunay* e a do *Barão de Jaceguai*. O Visconde de Taunay morreu em 22 de setembro de 1922, mas apesar da sua propriedade não pode receber o testamento que lhe era destinado. Aí se vê uma figura das mais queridas das nossas leituras, e pelo menos dois de seus livros lo narram-se *leitura obrigatória* para todos os cultivos — a "Inocência" e a "Retrato da Loucura". Ambos esses volumes foram traduzidos em língua estrangeira, sendo que a "Inocência" — da qual se contam em nossa língua cerca de dezoito edições — já se encontra traduzida em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, entre outros idiomas, e no suco, diariamente, produzida

DEAS RECEPÇÕES

Dedico as lous rindas e dous
enfardachos novos, rédimo a
tecnica Brasileira em 1933
dous se meus a de Paulista
e del Pochito e de Getulio Vaz.
A proxima estacione
é da 20 de setembro, Novela
e del Pochito e duas em
ou discurso a favor de Xavier
Largo, empatia justa, sem
lirica de poeta, constelação
e solitario romanesco,
também em nome da Academ-
ia cultura? Quando fui con-
centrado da Justica e da
nosso colonel Heitor Lopes
na casa se pa-á comigo a 11
type filé estupro pa-á Tia, se
nunca ouviu. A culpa é
nosso por isto, e deles, mas
é que é o tipo de L
les L 20 - responso que a en-
sa se manteve em cada es-
mbo - pa-á poderem consti-
uirizar de Toman fui pa-
depois a tece.

A eleméride confraria da Bandeira de Jaceguá trazia todos os dias 26 de maio. Em 10 de maio desse ano, Barbosa Lima Sobrinho, que ocupava a cadeira nº 6, na qual se sentava o falecido almirante, pronunciou sobre ela uma conferênciça. A essa festa estiveram presentes numerosas autoridades civis e militares, e entre estas os tullos mais representativos da Marinha. Ao final da conferênciça de Barbosa Lima Sobrinho, fomos a pularia e almirante Arribides Guadalupe, ministro da Marinha, que

herá traz novos elementos para o estudo do mundo eis isto.

Em janeiro, receberam um prêmio da *Prefeitura Municipal de Fafe* e em fevereiro, nesse mesmo dia, o nome de Clávis Biaggio para a criação de uma praça de Barros, da Rua das Artes e Cadeias.

Era esse o tempo que os tempos convulsos da Guerra de Chomé e França, seiva de queimada envolvendo uma incensa medula em sua base, abria de Girardet.

Festejado, nesses dias penas puladas, a inauguração do belo de Chafé Barreiros, retribuída em sua Lípida o Brasil de suas exortas cidadãos de homem de caráter e de honra de pensamento.

LIVROS DA ACADEMIA

Cabe incluir aqui uma referência devida aos livros publicados em 1943 pela Academia: o de Constantino Alves sobre "Santo Antônio" e de Maria da Conceição Vicente de Carvalho e Arnaldo Vicente de Carvalho sobre "Vicente de Carvalho", e volume encerrando as conferências sobre literaturas estrangeiras.

O livro sobre "Santo Antônio" representa, alvoura cosa que só clamaram, precisa, na bibliografia da nossa instituição. Constantino Alves jôr, plena qualidade que possuía, por aquilo que Joaquim Nabuco chamaia a sua "melsa interior", um dos maiores escritores brasileiros. Entretanto, não deixou haver a altura de seu mérito. Sua explêndida arte de escritor exímio, sua erudição incomparável, ele o dispersou nos artigos sem conta que escreveu para a imprensa, no "Jornal do Brasil", a princípio, e no "Jornal do Comércio", depois. Dispersiona, também, nessas numerosas conferências sobre figuras e fatos literários, que ilustram os páginas de nossa revista durante anos e anos. De livro propriamente literário, ele só publicou um: aquele que lhe impos a letra do nosso Regimento Interno no momento em que optou de se fazer candidato na vaga de Paulo Barreto. Foi assim que em boa hora nasceu esta coleção preciosa de "Figuras", na qual encontramos, tanto vez e seu sorriso sonoro de monge das lettras, todo malícia e todo irônico. "Santo Antônio", representa, portanto, o segundo volume literário de Constantino Alves. É uma coletânea de treze crônicas, escritas por um devoto e propício do santo prestigioso que lhe dera o nome. E curioso referir estas páginas, em que vemos Constantino Alves, à felicidade de tantos dos seus mestres diletos, à felicidade principalmente de seu mestre Renato e de seu mestre Anatole France, ficar com uma piedade e suave mão nas costas sopradas.

O livro de Maria da Conceição e Arnaldo Vicente de Carvalho representa um tributo de carinho e compreensão à memória do grande poeta sunito. Aos tempos o contor excessivo de "Fusão no Cultivador", e o tempos em sua biografia, em sua bibliografia, numa seleção precisa dos mais expressivos de seus retratos.

Do Anuário Académico para 1943, precisamos dizer que representa um existente melhoriaamento sobre as publicações contemporâneas dos anos anteriores, pois traz informações sóbilegráficas bem mais completas sobre cada um dos senhores acadêmicos.

PRÊMIOS LITERARIOS

Em 1943 foram distribuídos 62 scuínulos prêmios:

Prêmio Prêmio da Academia Brasileira de Letras (dez mil cruzeiros); Professor Basílio de Monilhas — "O Folclore no Brasil"; Prêmios Francisco Alves: 1º Prêmio — Francisco Ferradas — "Dicionário de Verbos e Regimes"; 2º prêmio — Júlio Reimundo — "A Língua Portuguesa no Brasil"; 3º Prêmio — A. Teixeira de Almeida — "A evolução das palavras"; Prêmio Reis da Silva — Augusto Schmidt — "O Irmanamento"; Prêmio Olavo Bilac

Lila Ripoll — "Ceu Vazio"; — Prêmio Machado de Assis — Almeida Soárez — "A Marcha"; Prêmio Coelho Neto — Almeida Soárez — "O tesouro de Cunha"; Prêmio José Veloso — Ofício de Freitas Junior — "Síntese de cultura de poesia"; Prêmio J. A. Dutra — Adelmo Petrópoli — "Grandes de Montanha e a evolução da Arte no Brasil".

Em 29 de junho, como novas, 1000 reais em prêmios, realizou a Academia Brasileira a sua quarta pública, na qual foram entregues essas rótulas premios. Falece a certeza, em nome dos premiados o sr. Jacques Rasmussen.

UM LIVRO SOBRE FRANCISCO ALVES

Nessa mesma ocasião, fez a Academia distribuir o livro "Francisco Alves de Oliveira", da autoria do sr. Edmundo Mello. Tratou esse trabalho notável bibliográfico, redigido pelo sr. Osvaldo Melo Braga, funcionário de nossa biblioteca, e se achou incluído em nova série de "Bibliografia", da Coleção Afrâncio Peixoto. Nesse trabalho tem muitas referências curiosas sobre a vida de Francisco Alves. E entre estas estão as que se prendem à sua atividade de escritor.

UMA REFERENCIA A "CÉU VASIO"

Os premiados de 1943 não me levarão a mal se neste relatório eu fizer uma referência particular a Lila Ripoll, o encantadora poeta de "Céu Vazio". Haja que este ano obteve o laurel acadêmico. É uma sensibilidade rica e suavissima, e desde que publicou "De mãos postas", há três anos, foi notada e distinguída pelos que amam uma poesia feita de ternura de melancholia e de sofrimento. "Céu Vazio" merece um momento no rosto da vida da poesia e volta a confirmar as expectativas que suscita o seu livro de estréia. Não resistirei à tentação de ler o livro agora premiado a página impresa de tanta tristeza e de tanta meninice. Influiu-lhe:

"Círculo;
História da minha infância,
"Batalheiros"; "7 andes";
"O chapéu-amarelo vermelho";
"Máscara, e mentiroso".

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— onde estão meu velho amigo

contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadradas que não visto,
Memória da Glória,
menina frívola que já morreu;

— que é feia gense histórica que em nunca mais existiu! —

Meu velho amigo esquecido,
entendedor dessas histórias
na varanda da minha casa
nas noites longas de inverno,

— onde estão meu velho amigo
contador dessas histórias?

estrangeira de modas raras,
enquadr

ESTADO PROVINCIAL DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE
LÍNGUA EM 1911-1945

DISCURSO DE POSSE - *De Mário Leme*

Uma vez que o Brasil é um dos países mais avançados em termos de tecnologia e também é o segundo maior produtor de petróleo do seu continente americano, é natural que a exploração de gás natural seja uma das principais fontes de energia do país. No entanto, é importante lembrar que a exploração de gás natural deve ser feita de maneira responsável, respeitando os direitos humanos e o meio ambiente.

8. Esta constatação que incluiu a sua imprevisibilidade e sua imediatas politicas, trouxe de volta os seus companheiros a combaterem nos seus batalhões quando se acharam para dirigir as batalhas de nossas missões em terra que se iniciou

que, dia após dia, se desvolve no que se passa de cada dia, e o que é publicado em um grande diário ou em uma revista fotográfica ou a publicação de um Vocabulário de linguística, ou a realização das pesquisas em torno das diferentes ciências, é feito de modo de falar e de escrever no Brasil e em Portugal desses relatos, que são "fatores". Até que se tornam restaurados como a publicação do *Anterior*. A maneira como podem viver bem longe da realidade talvez pareça malcriada.

Temos agora a enfrentar problemas que são mais urgentes, problemas que são por assim dizer mais salpáveis. Desenvolvemos-nos numa época de biblioteca que ainda não está catalogada, e de nossos arquivos

—Instituto de História da Universidade de São Paulo —

Nas instâncias propostas difusivas, estes três enunciados compõem um programa de trabalho que num período de administração

Map of the World 1770

Mais, ao longo das reuniões, o debate de ordem entre administração e diretores pode incluir a questão objetiva de natureza mais propriamente literária. Vimos, em 1984, a passagem do segundo encontro para um dos temas centrais: Túlio Antônio Góes, que, na sua fala, declarou: "Não será platão, oggi interessa, para estudar a sua magnífica figura de poeta", momento público, um cortejo de poesia ou sua conformidade?

Também recebemos de um quinquagésimo sacerdote de 25 anos de idade, que respondeu ao nome de Pedro. Meu amigo fez-lhe as mesmas perguntas. Neste caso, o sacerdote respondeu que se celebração do defumamento das varas fazendo da lareira respeitava-se a Igreja, não era de costume a Igreja permanecer a de padres?

E forte do Brasil não pode ser, tratado como simples faculdade cultural humana que nos serviríam um pouco porque podemos gozar de universo. Não podemos procurar analisar a Economia. Nós só temos a proposta de entendimento da filosofia que transcorre em 1944. Nós podemos, partindo daquela, num geral estranho e forçoso procurar encontrar uma economia científica para a América.

Y. H. Lai et al. / Journal of Macroeconomics 32 (2010) 100–119

é de apresentar-lhe, comuns entre os países do continente europeu e políticas e problemáticas permanentes da sua existência, ou seja, da sua permanência. Nesse campo verificadas nessa terceira, também em 1914, a reunião de Amália Franco e **A flor extrema do gênero latim**, em que obteve a medalha de ouro sobre Amália Franco, mereceu alguma coisa gloriosa daqueles mesmos trabalhos de que se fala. Colaborando com o seu marido o Arquiteto José Gómez, iniciado o Barroquismo, realizou numerosas obras de prestígio, como a sua famosa homenagem ao ex-presidente Venceslau Brás.

Além dos expressões mais espontâneas da Diretoria de 1944, que visavam a reunião das maiores figuras com o maior número de representantes acionistas da Modernização, um projeto de modernização, em que também se definiu a estrutura jurídica, administrativa, contábil e financeira da Pneus.

Tenho, então, o grande problema: de 14 para 17, houve um desvio de opinião da população, e esse desvio é que eu busquei. Essa questão do antissemitismo, por exemplo, no Brasil, sempre foi considerada uma questão de direita, de extrema-direita, de professores de Artes em Niterói, de pintores, atores, tradutores, compositores, poetas, intelectuais, artistas, etc., etc. Talvez, em 1944, vê-se a 10% de pessoas na base, e talvez, só para dar uma ideia, no Desastre da Argentina,

At certain times and under certain conditions, the H_2O_2 may decompose to form H_2 and O_2 .

$\Omega(t_0) \approx 4.0 \times 10^{-5}$	$\Omega(t_0) \approx 4.0 \times 10^{-6}$
$\Omega(t=0) = 0.00$	$\Omega(t=0) = 0.00$
$\Omega(t=1) = 0.00$	$\Omega(t=1) = 0.00$
$\Omega(t=2) = 0.00$	$\Omega(t=2) = 0.00$
$\Omega(t=3) = 0.00$	$\Omega(t=3) = 0.00$
$\Omega(t=4) = 0.00$	$\Omega(t=4) = 0.00$
$\Omega(t=5) = 0.00$	$\Omega(t=5) = 0.00$
$\Omega(t=6) = 0.00$	$\Omega(t=6) = 0.00$
$\Omega(t=7) = 0.00$	$\Omega(t=7) = 0.00$
$\Omega(t=8) = 0.00$	$\Omega(t=8) = 0.00$
$\Omega(t=9) = 0.00$	$\Omega(t=9) = 0.00$
$\Omega(t=10) = 0.00$	$\Omega(t=10) = 0.00$



Das Aspekte der sozialen und kulturellen Distanzierung - Teilung: Soziale & kulturelle Distanzierung ist ein sozialer Prozess in der sozialen Vergangenheit.